
INFILTRAÇÃO
CARLO RIBAS

INFILTRAÇÃO

Carlo Ribas

INTRODUÇÃO

A cidade maravilhosa acorda com um dos crimes mais chocantes já ocorridos. Uma trama muito bem traçada para despistar a polícia e a mídia. Quem será a próxima vítima? Onde estão os assassinos?

Paralelamente, satanistas especialmente treinados em um programa de guerra contra o crescimento dos evangélicos, chamado INFILTRAÇÃO.

O que uma história tem a ver com a outra? Até onde vai o ódio mortal de Satanás contra a Igreja do Cordeiro? Do que ele é capaz?

Esta é uma obra de ficção. Todo e qualquer nome de pessoas, lugares, igrejas ou empresas aqui citados não refletem em acusações ou menções reais, sendo apenas uma mera coincidência ou similaridade. O autor reserva-se no direito de utilizar-se de nomes criados aleatoriamente para dar vida à seus personagens. Nenhuma personagem deste livro existe ou existiu na realidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor da minha vida, o Deus de Abraão, que me fez crer muito mais do que apenas “Nele”, mas sim na SUA PROMESSA.

À minha esposa Francine, que entende a minha ausência do seu lado na cama, por longas madrugadas, enquanto eu ficava no computador escrevendo esta obra.

Às minhas ovelhas da Igreja Evangélica Unção e Poder na cidade de Dionísio Cerqueira/SC, por serem tão interessadas no que o pastor delas escreve.

Às centenas de igrejas em todo o Brasil e exterior nas quais tenho tido a oportunidade de pregar a Boa e Santa Palavra de Deus. Obrigado pela confiança e amor.

Luiz,

Lembra uma vez que estávamos sentados no morro do Cristo? Eram umas cinco horas da manhã e tínhamos participado de um ritual de energização. Estávamos lá, conversando sobre a verdade. Você me ensinava, como meu mestre que era naquela época, sobre as verdades escondidas, ocultas pelas culturas e pelos homens, com o passar dos anos.

Naquele dia desejei em meu coração conhecer esta verdade oculta.

Sei que este livro vai te lembrar de muitas coisas que fizemos juntos, mestre e discípulo, mas eu mudei. Fui trilhar o meu caminho e acabei me esbarrando na Verdade! A Verdade que por tantos anos minha alma ansiou conhecer. Entreguei a minha vida à Jesus Cristo de Nazaré. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida!

Estou orando pela sua conversão!

Porque somos como o cheiro suave
do sacrifício que Cristo oferece a Deus,
cheiro que se espalha entre os que estão sendo
salvos e os que estão se perdendo.

- Apóstolo Paulo -

CAPÍTULO UM

F.E.R.A.

- Isolamos o local do crime e não deixamos ninguém tocar no corpo, chefe. – disse um policial militar ao sargento recém chegado na alameda central, onde havia sido encontrado o corpo sem vida, de uma jovem, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

O calor forte que cozinhava o mês de dezembro não conseguiu evitar que os policiais suassem frio e tremessem diante daquela cena sórdida: uma garota jazia nua, degolada, com seu corpo dilacerado e seus órgãos internos retirados. Havia muito sangue no chão, misturado a uns poucos pedaços de vísceras que não foram levados. Em sua face distorcida estava estampado o terror e em seus olhos abertos, o medo.

- Ela está oca, senhor. – Disse um dos policiais, percebendo a aproximação do sargento, atônito com o que estava vendo. – Deve ser coisa de traficante! – continuou ele, enquanto olhava com um ar misterioso para os demais colegas, e concluía. – Com certeza isso é vingança. Aposto que ela é mulher de algum líder de tráfico inimigo.

- Tinha algum pertence perto da moça? – Indagou o sargento.

- Nada além desta bolsa.

- Documentos, celular, alguma coisa?

- Não senhor. Apenas uns trocados, passe de metrô e uma pequena Bíblia.

Neste instante, um dos policiais que estava isolando o local veio até o sargento informando que um conhecido da vítima havia chegado. Era um colega de escola.

- Qual o nome da moça, rapaz? – perguntou friamente o sargento.

- Sandrinha.

- É moça de família?

- Sim senhor. Mora com a mãe e a vó doente. Ela trabalhava pra sustentar a casa. A mãe lava roupa pra fora. – Disse o garoto.

- Ela era envolvida com traficante?

- Que eu saiba, não senhor. Acho que não. A Sandrinha era uma moça muito boa. Até ia numa igrejinha dos crentes aqui.

O sargento, com ar frio e compenetrado, olha para o policial e diz:

- Descartamos então a possibilidade de vingança? Já ligaram para o pessoal do IML? Temos que levar esse corpo daqui.

- Sim senhor. Eles estão chegando ali. – respondeu o soldado, enquanto apontava com o dedo para o carro do Instituto Médico Legal, que chegava empurrando a pequena multidão que se aglomerava próximo à área de isolamento. Dele desceram dois homens de meia idade. O mais velho era visivelmente o chefe.

- Boa noite, sargento. Dia difícil hoje? – Perguntou ele enquanto cumprimentava o policial.

- É... Parece que além de dinheiro, estão roubando órgãos internos... – sombriamente respondeu, sem que houvesse um sorriso de ninguém.

- Bom, vamos ver o que temos aqui. – Concluiu o diálogo inicial, abaixando-se e checando o corpo da vítima, o perito do IML. – Ela foi aberta com um objeto muito afiado, eu diria que pode ser um bisturi, devido à precisão do corte. Teremos que leva-la ao Instituto para analisar melhor, é claro.

Enquanto o auxiliar trazia um saco plástico próprio para acondicionar cadáveres, o perito percebeu que ao lado da vítima, próximo ao corpo, havia um pouco de cabelo jogado no chão.

- Hummm... Muito estranho. Existe uma mecha de cabelo ao lado do corpo, sargento. – Avisou o perito.

- E não pode ter sido cortada junto com o pescoço dela? – Grosseiramente perguntou o oficial.

- Sim, pode, mas a julgar pela coloração, visto que ela tem tons distintos nos cabelos, essa mecha foi retirada próxima do couro cabeludo e não na ponta do cabelo. – enquanto respondia, virava o pescoço da garota morta até deixar a mostra a sua nuca, onde havia um pedaço raspado e, escrito a cortes, a palavra: F.E.R.A.

***

Por muitos anos Pereira trabalhou como policial civil na cidade de São Paulo, porém depois do caso dos ladrões de banco e joalherias que resolveu, prendendo ao mesmo tempo trinta e sete criminosos, seu nome ficou muito cotado dentro da corporação e ele foi transferido para o Rio de Janeiro, como chefe de investigação criminal. Sua promoção chegou em boa hora, porque

junto com ela vieram o ótimo salário e as regalias que ganhava na cidade maravilhosa.

Eram aproximadamente três horas da manhã quando seu telefone em casa toca:

- Alô, Pereira. Sim? O que? Órgãos roubados? Escreveram o que na nuca dela? Ta, pode deixar, estou indo imediatamente para o IML. – Desligou o telefone enquanto se arrumava para sair.

- Amor, o que aconteceu? Aonde você vai? – perguntou a sua esposa.

- Querida, aconteceu um crime no centro da cidade, com indícios que seja um assassinato incomum, com retirada dos órgãos de uma garota e uma inscrição gravada a cortes na nuca. Acho que é algo feito por satanistas. Vou até o necrotério para ver o corpo e tomar algumas medidas. – explicou ele, dando um beijo em sua testa. – Não me espere acordada, ok? A madrugada promete ser longa.

No necrotério o corpo ainda não havia sido lavado. Estava exatamente como fora achado no centro da cidade. Pereira colocou luvas cirúrgicas e deu uma olhada mais de perto, para ver se identificava algum indício de alguma coisa.

- Creio que o corte feito no corpo da moça foi realizado com um objeto cirúrgico. Possivelmente um bisturi, devido à perfeição do corte. Também notei que, ao examinar melhor a parte interna que se encontra vazia, percebi que absolutamente todos os órgãos foram retirados, tendo suas terminações cortadas cuidadosamente. – dissertava minuciosamente o perito do IML, enquanto Pereira ia olhando meticulosamente cada centímetro do corpo, até chegar à nuca, lendo a inscrição F.E.R.A., feita a cortes.

- Um crime realmente interessante, com características únicas e que apresenta uma série de questões. A primeira e mais importante delas é: Onde estão os órgãos ou o que foi feito com eles? – Disse Pereira.

- Pensamos nisso, e achamos que foram levados embora ou jogados ao mar. – respondeu o perito.

- Deixe de bobeira, homem! Quem teria o trabalho e o risco de arrancar todos os órgãos de alguém só pra alimentar os peixes? – Esbravejou o investigador. – Coloque-a na geladeira e não mexa em nada, porque amanhã trarei uma pessoa aqui para analisá-la. Entendeu?

- Deixe comigo, chefe. – Disse o perito, cobrindo novamente o corpo, enquanto o agente da policia civil tirava as luvas e ligava para algum lugar de seu celular.

CAPITULO DOIS

A reunião da Escola de Missionários

- Senhores, nesta noite iniciamos o último módulo do nosso programa de treinamento tático de guerra, denominado INFILTRAÇÃO. A partir de agora, trataremos da parte mais importante da nossa missão: destruir as igrejas evangélicas.

Os alunos aplaudiam euforicamente e soltavam gritos de alegria, ao ouvirem aquilo sendo dito por seu Mestre. Aquela, embora parecesse uma turma de um seminário teológico para a preparação de missionários, era a mais nova arma que o satanismo havia encontrado na luta contra o crescimento das igrejas evangélicas no mundo: formar missionários para infiltrarem nelas, a fim de causar a sua destruição. As turmas estudavam poderosamente a Bíblia Sagrada, cegados pelos demônios para que não pudessem entender a Verdade, mas para distorcê-la. Assim, quando terminavam o curso de dois anos, saíam verdadeiros missionários, conhecendo a Bíblia, sabendo orar, dirigir um culto, ministrar batismos, santas ceias etc.

O grande trunfo era a oração em línguas estranhas, pois através de línguas demoníacas, ensinadas pelos mestres da Tradição, os "Missionários do Inferno", como se autodenominavam, podiam amaldiçoar as igrejas sem que elas percebessem, impondo as mãos e ordenando demônios sobre o povo que, inadvertidamente diziam "amém" a tudo o que se dizia em outras línguas, mesmo não as compreendendo.

- Senhores, entendam que neste último mês deveremos fazer um estágio missionário, em igrejas de verdade, enfrentando situações reais. Muitos pastores, como estudamos nestes anos, são fáceis de enganar, porque estão com suas mentes cauterizadas pelo dinheiro levantado em campanhas missionárias, outros pelos modismos e outros ainda, por causa das comodidades oferecidas pelas grandes convenções. Mas existem ainda alguns que são perigosos, que buscam o dom esquecido (mencionando sobre o dom de discernimento de espíritos) e o recebem, por isso, muito cuidado! Eles podem desmascará-los rapidamente e vocês precisarão fugir o quanto antes, sem deixar vestígios. – Alertava o professor, Mestre Suynter, um holandês naturalizado brasileiro, de oitenta e dois anos, em plena forma física e com uma jovialidade que impressionava os próprios jovens.

- Mestre, por favor, me responda algo. Como entraremos com respaldo nas igrejas? Estamos cientes que esses crentes são perigosos e estão espalhando pelo

mundo falsas doutrinas, mas eles são muito desconfiados. Como teremos a confiança deles?

- Felipe, temos três métodos. O primeiro é nossa agência missionária, que fundamos para termos respaldo legal. Através dela enviamos missionários formados ou em treinamento para várias igrejas em todo o mundo. O segundo método são os missionários itinerantes, que visitam igreja por igreja, oferecendo seus CDs de cânticos evangélicos e pedindo oportunidades para pregar. Eles ficam alguns dias apenas em cada igreja, o suficiente para realizar o trabalho. O terceiro método é através da internet, onde colocamos pessoas especialistas em divulgar estudos falsos da Bíblia, acusações contra pastores sérios, mentiras etc. Em muitos casos são anônimos, em outros usam pseudônimos para esconderem seus próprios nomes. Essa área da internet rende muitos convites para ministrações, nas quais insere na igreja o medo do diabo, o que os fazem não querer lutar mais. É muito eficaz. – Respondia o mestre. – Fique tranqüilo, estes métodos que estudamos funcionam bem, mas precisamos ser muito atentos à tudo, para não sermos apanhados por eles.

Felipe era um garoto de vinte e três anos de idade, de uma tradicional família carioca, crescido em meio a ritos religiosos das mais variadas religiões sincréticas. Católico por batismo, espírita por incursão familiar, budista por interesse e satanista por decisão. Desde muito cedo ouviu sua família falando mal dos "crentes", como sendo pessoas medíocres que faziam lavagens cerebrais nas outras. Isso, por muito tempo, fomentou a decisão em seu coração de, se um dia pudesse, destruir essa raça de pessoas que só queriam o dinheiro do povo.

Mestre Suynter tinha a missão de ensinar aos futuros missionários as sutilezas das igrejas evangélicas. Profundo conhecedor, por muitos anos trabalhou infiltrado em muitas delas, conseguindo fechar algumas e outras destruiu completamente, minguando em quase a totalidade o número da membresia. Era respeitado e temido dentro da Tradição, visto seu invejável currículo de longos anos de trabalho. Os Jovens viam nele uma inspiração para se alcançar os altos graus e também para serem destruidores de igrejas.

A Escola de Missionários da Infiltração tinha alcançado muitas vitórias naquele ano. Muitos eram os formados: satanistas que se disfarçavam de missionários itinerantes e que visitavam igreja por igreja, cantando hinos e corinhos evangélicos, vendendo seus CDs aparentemente evangélicos, e ministrando maldições em línguas estranhas, sobre as igrejas, que na sua grande maioria não tinham os dons de discernimento de espíritos e de interpretação de línguas estranhas, recebendo maldições ao invés de bênçãos.

Muitos jovens membros da Tradição eram colocados neste seminário para realizarem treinamentos para infiltrações. Este era o caso de Felipe Rangel.

CAPÍTULO TRÊS

Convocação de Emergência

Passavam das quatro horas da madrugada quando o telefone de Robert toca, em seu apartamento na cidade de São Paulo. O detetive vê no identificador de chamadas que é o número do celular de seu amigo e atende:

- Fala Pereira! O que é a uma hora dessas? Hummm, interessante. Claro, estou mesmo querendo dar uma passeada. Vou para aí amanhã cedo. Espere-me no aeroporto. Até mais, irmão. Deus te abençoe. – Despediu-se desligando o telefone.

Suzan estava acordada e perguntou do que se tratava. Robert respondeu:

- Era o Pereira. Acharam um corpo dilacerado no centro do Rio de Janeiro e tem umas inscrições. Quer que eu vá dar uma olhada no caso, porque ele tem um pressentimento de que é alguma coisa de satanistas. Vou pegar um vôo amanhã cedo e ver o que está acontecendo. Provavelmente volto amanhã mesmo ou no outro dia. Fique tranqüila, meu amor, está tudo bem. – Disse amorosamente ele, abraçando sua esposa.

Ela havia passado por momentos difíceis no último caso de seu marido, quando enfrentou a Organização dos Seguidores de Címerio, com a ajuda de Marcos e do Pereira, antes dele ser transferido para o Rio de Janeiro. Os meses que seguiram foram muito bons para eles, por causa da repercussão daquele caso. Suzan sabia do chamado de seu marido e da importância de sua profissão. Sabia que estes meses em que passaram sem um grande caso para resolver logo acabariam, quando outro aparecesse. Ela aconchegou-se carinhosamente junto ao esposo e tratou de dormir. Era o melhor a fazer naquele momento.

***

No dia seguinte, Robert estava no Aeroporto Santos Dumont, encontrando-se com seu amigo e parceiro de investigações.

- Pereira, quanto tempo irmão. Como vão as coisas? – Saudou calorosamente o detetive.

- Vamos bem, graças a Deus. O Rio de Janeiro é realmente uma cidade maravilhosa. Pena que acontece umas coisas estranhas como essa que você veio investigar. Rapaz, mataram a garota e retiraram todos os órgãos dela e ainda assinaram o serviço. – Pereira descrevia o caso, enquanto ambos se

direcionavam para o estacionamento do aeroporto. – Eu acho que é coisa para vender os órgãos no exterior. – Concluiu ao chegarem ao carro.

- Pouco provável. – Discordou Robert, enquanto colocava o sinto de segurança. – Você me disse que o crime aconteceu na rua e que a garota estava em cima de uma poça de sangue, certo? Eles não tirariam órgãos no meio da rua, ainda mais para vender. Penso que são satanistas que fizeram isso, para rituais.

Dirigiram-se imediatamente para o necrotério, onde estavam reunidos, a pedido do detetive, os policiais que encontraram o corpo e o perito do IML. Todos já haviam ouvido falar em Robert, porque seus casos repercutiam nacionalmente e estavam ansiosos em conhecê-lo pessoalmente.

- Olá pessoal! Tudo bem com vocês? É um prazer conhece-los. Meu nome é Robert e vim dar uma olhada no caso. – Cumprimentou amigavelmente cada um deles, com um aperto de mão e um sorriso. – Vocês não se importam se eu lhes fizer algumas perguntas?

Todos se assentaram nas cadeiras que ali existiam e Robert, sem mesmo ter visto ainda o corpo, começou a fazer as perguntas.

- Como o corpo foi encontrado?

- Uma garota passou pelo local e viu o corpo. – Disse um dos policiais. – Ela ligou imediatamente para a polícia. Nossa patrulha fazia a ronda do local e chegamos primeiro. Eu fui o primeiro policial a vê-la.

- O que exatamente você viu quando chegou?

- Tinha umas três ou quatro pessoas perto olhando. Eram quase meia noite e muitas pessoas voltavam para casa do colégio. As pessoas estavam espantando uns cachorros de rua que queriam lamber o sangue no chão. Tinha muito sangue lá, acho até que todo o sangue se esvaiu. Era uma moça de uns vinte anos, penso eu, que estava nua. Suas roupas não foram encontradas. Quando a vi de perto, tive medo. O rosto dela estava todo retorcido, como se tivesse visto o diabo na frente! Sua boca parecia que queria falar alguma coisa e seus olhos estavam abertos, com uma expressão de terror e medo. Era uma cena muito forte. Quando me aproximei para ver melhor, percebi que seu peito tinha um corte que chegava abaixo do umbigo e que ela estava vazia por dentro. Então chamei pelo rádio ao sargento, para que ele tomasse as providências. – Concluiu o soldado.

- Muito bem. Já a identificaram? – Continuou o detetive.

- Sim – respondeu o legista. – Seu nome é Sandra, mora em um bairro próximo ao centro. Estava voltando da casa de uma amiga. Pelo relato da mãe,

ela não tinha inimizade com ninguém. Trabalhava de caixa em um supermercado e com a renda ajudava a sustentar a casa. Embora sua mãe tenha dito que ela sempre saía com a identidade, esta não foi encontrada no local do crime. Possivelmente estivesse no bolso da calça que ela usava e que também desapareceu, conforme já relatou o policial.

- Pode ser, mas porque ela teria uma bolsa e guardaria a identidade no bolso? – Perguntou Pereira.

- Saberemos logo logo. – Disse Robert, levantando-se e indo em direção à vítima, que estava colocada sob uma mesa de autópsias.

Robert não tocou no cadáver, apenas observou. Ele olhava atentamente para os olhos, boca, para o pescoço dilacerado, depois para o corte feito na barriga e peito e para os braços e pernas. Por último, olhou a nuca, onde estava a inscrição feita a cortes.

- F.E.R.A. Pode ser muita coisa... – resmungou ele. – Podem ser as iniciais de uma pessoa ou a inicial do nome de quatro pessoas diferentes. Pode ser um grupo ou um acróstico macabro para ser decifrado.

- Então? Alguma conclusão? Percebeu algo que nós não tenhamos visto no corpo? – Inquiria Pereira, afoito para resolver logo aquele crime.

- Na verdade sim. – Começou o detetive. – Nota-se que foram mais de duas pessoas que cometeram o crime. Eu diria exatamente que quatro pessoas a mataram. Percebe-se aqui no pescoço dela que o objeto utilizado para cortar, embora afiado, não é de uma lâmina delicada e curta como um bisturi. Percebam aqui na traquéia, como foi atingida com um golpe. Eu diria que utilizaram uma faca de acampamento ou um punhal. Porém isso não foi o início, infelizmente. Abriram a barriga dela primeiro, agora sim com um bisturi, mas com a garota ainda viva. Notem que aqui, na parede interna do abdômen, as terminações sanguíneas estão rompidas, mas não por causa do corte e sim pela hemorragia que o mesmo causou. Se tivessem cortado-a primeiro no pescoço, onde romperam a artéria aorta, teriam ali derramado quase todo o sangue do corpo até deitarem o corpo e realizarem o corte maior. Notem ao redor da boca da moça como há uma marca arroxeada. Esta marca não é devido ao esfriamento do corpo e sim produzida pela mão de uma pessoa que lhe tapou a boca para que não gritasse com a terrível e insuportável dor que estava sentindo, com o corte de sua barriga. Senhores, descreverei como aconteceu este crime: A garota estava andando por uma rua do centro da cidade, durante a noite. Creio que a esta altura já estava sendo seguida pelos assassinos que esperavam o momento certo para atacar. Em dado momento ela entrou na viela para encurtar o seu caminho para casa. Neste momento dois dos quatro homens

a atacaram por trás, segurando-a pelos braços. Um terceiro tapou-lhe a boca, para que não gritasse. Trouxeram-na para o canto da rua, onde era mais escuro. O quarto homem rasgou-lhe a roupa. Aqui há um detalhe interessante que precisamos frisar: eles não tinham a necessidade de lhe tirar toda a roupa. A teoria feita pela polícia de que eles iriam estuprá-la está errada. Suas roupas foram retiradas para que apenas o corpo, sem nada que não fosse o natural estivesse ali. Esta é uma ação típica de satanistas. Após lhe rasgar e retirar toda a roupa, o quarto homem iniciou a cirurgia macabra, fazendo um corte longitudinal em seu corpo. Certamente eles pensavam que a dor a faria desmaiar e seria fácil terminar o serviço, porém ela lutou bravamente e conseguiu desvencilhar-se da mão que a amordaçava e gritou. Um dos homens que a estava segurando, lhe ameaçava com uma faca e ao ver que ela gritava, dilacerou-lhe a garganta, ocultando seu grito para sempre, mas nos revelando a ação através das feições faciais da jovem. Se ela fosse atacada por trás e cortada sua garganta, como sugere nossa imaginação em primeira instância, sua boca permaneceria fechada e o fluxo de adrenalina, devido ao reflexo do corte, fariam seus olhos fecharem. Como ela estava sentindo uma dor insuportável, ao morrer, seu rosto ficou desfigurado e estampado o terror em seus olhos. Percebe-se pela posição de sua boca e lábios que ela estava gritando quando foi assassinada. Após este ato de defesa por parte dos assassinos, rapidamente removeram os órgãos internos, colocando-os em sacolas plásticas. Deduzo isso devido à informação que obtive sobre possíveis rastros de sangue pela rua, os quais me disseram não haver nenhum. Somente sacolas plásticas poderiam reter perfeitamente qualquer líquido jorrado, neste caso, o sangue. Após recolherem as roupas, vasculharam a bolsa da garota em busca de seus documentos, levando sua carteira de identidade. Este artifício é usado por satanistas para a identificação dos demônios sobre os órgãos oferecidos. Por último, com uma navalha, rasparam-na a nuca e escreveram as letras F, E, R, e A, que pode ser, repito, a primeira letra de cada nome, ou as iniciais de uma organização satânica ou criminosa ou ainda um acróstico, sendo cada letra o início de uma palavra específica. Senhores, estamos tratando de um caso extremamente interessante por seus aspectos e de uma complexidade ímpar, que nos trará ao encontro uma grande entidade satânica e criminosa. – Concluiu solenemente o detetive, deixando todos estarrecidos com as suas análises e deduções.

- Bom, neste caso vocês estão dispensados. E não se esqueçam: o sigilo é muito importante. – Disse Pereira aos policiais e ao perito que estavam na sala, e virando-se para Robert, enquanto todos saíam, perguntou: - E nós, faremos o que agora?

- Vamos almoçar e depois daremos uma passada no local do crime. Tenho certeza que deixaram alguma coisa passar. Também quero ver se alguém ouviu um grito ontem a noite, comprovando assim a minha dedução.

CAPÍTULO QUATRO

Isabela

Um raio de sol insistia em brincar com ela, vindo da janela e projetando-se sobre a cama. Por mais que Isabela tentasse, o sol batia em seu rosto e impedia que seu sono se prolongasse naquele sábado. Já eram oito horas da manhã e o calor que se fazia na cidade maravilhosa era impiedoso. Até o mais preguiçoso e sonolento era forçado a sair da cama. Levantou lentamente e foi ao banheiro. No espelho estava projetada a face meiga e doce, de uma jovem de dezoito anos com seus cabelos avermelhados e lisos, adornados por grandes olhos azuis. Deus fora bondoso com ela, não permitindo que espinhas brotassem no seu rosto, tão limpo e alvo que lhe rendeu a vaga de anjo, nas peças teatrais da igreja.

- Bom dia, pai. – Isabela se pendurava no pescoço de Sr. Antonio, um amado e bonachão senhor de cinqüenta e três anos de idade. – Como dormiu hoje?

- Bem, querida. Como tenho feito os últimos trinta e cinco anos ao lado de sua mãe, que aliás está te esperando para o café. – sorriu o seu pai, amorosamente.

Na mesa para o café, sua mãe estava esperando com notícias da igreja. Vera, mãe de Isabela, era assistente de missões na Igreja do Calvário, comunidade evangélica a qual faziam parte.

- Filha, hoje chega à nossa igreja um seminarista que está fazendo estágio missionário. Ele tem um pouco mais que a sua idade e gostaria que você fosse recepcioná-lo na rodoviária, junto com o pastor. Ele estará chegando ainda antes do almoço. Quero que traga-o para almoçar aqui, ok?

- Certo, mamãe. De onde ele vem?

- De Minas Gerais. É seminarista do último mês de missões transculturais e vai estagiar em nossa igreja por umas semanas. Quero que você o ajude no necessário. – Concluiu o diálogo antes que o pastor chegasse, para buscar a garota.

A Igreja do Calvário era poderosa em missões. Por muitos anos enviaram missionários a várias nações, sustentaram famílias no campo de missões e promoveram eventos para criação de mais outros campos. Havia um amor pela obra missionária pulsando dentro de cada coração na igreja, o que fazia a igreja ser muito conceituada e, como conseqüência, crescesse muito nos últimos anos.

O pastor Sanderson Smith era britânico, nascido na capital Londres, mas trazido muito cedo ao Brasil por seus pais, que buscavam no país um campo missionário novo.

Isabela e Sanderson estavam no carro, a caminho da rodoviária Novo Rio, enquanto comentavam sobre o garoto que viria para fazer estágio na igreja. Não era o primeiro que vinha e certamente não seria o último. O pastor passava as informações básicas para ela sobre o novo hóspede da igreja:

- Mineiro, vinte e três anos, nascido em lar católico, porém convertido ao Evangelho há oito anos. Entrou para a Junta de Missões há três anos, por decisão própria. Toca violão, fala inglês e espanhol. Me parece um bom menino. Suas notas no seminário são as mais altas e, quando falei com o reitor, me disse que ele é o melhor aluno que eles dispõem no momento.

- Ótimo. Temos um projeto com a minha mãe e o pessoal da equipe missionária para fazer uns trabalhos com jovens no centro da cidade e nos colégios próximos. Vamos usar então ele nessa idéia. – disse Isabela, apontando uma vaga livre para estacionarem, pois já haviam chegado ao terminal rodoviário.

Procuraram a plataforma de desembarque dos ônibus que vinham de Minas Gerais e ficaram esperando o ônibus chegar de Belo Horizonte. No horário certo, encostou um grande ônibus, e seus passageiros começaram a descer. Em meio a muitos deles, se destacava um jovem alto e muito bonito, com um cabelo um pouco maior do que o normal, mas não chegando a ser comprido. Tinha um rosto cativante e alegre, com uma postura meio hippie, de calça jeans larga, camiseta solta por cima da calça e uma mochila nas costas. Pegou no bagageiro um estojo que, certamente seria seu violão e veio em direção à eles. O pastor disse à Isabela que aquele deveria ser o missionário.

- A propósito, pastor. Como é o nome dele? – Lembrou-se de perguntar a garota.

- Felipe Rangel. – Foi a resposta do pastor, apontando a mão para ele e o cumprimentando com um abraço fraternal. - Seja bem vindo, Felipe! Esta é Isabela, filha da nossa coordenadora de missões. – Completou apresentando-a.

- Prazer, Felipe! Paz do Senhor. Sou a Isabela, mas pode me chamar de "Isa".

- Prefiro te chamar de "Bela", se me permitir... – Sorriu encantadoramente o garoto, enquanto segurava suavemente em sua mão e olhava firmemente em

seus olhos, fazendo-a ruborizar. – Combina mais com você. Sou o Felipe, mas meus amigos me chamam de “Fera”.

- Bom... – Disse o pastor Sanderson, dando uma tossida e interrompendo a cena de paixão à primeira vista do casal. – Vejo então que temos aqui a “Bela” e a “Fera”, e se nós não andarmos logo, mocinha, sua mãe é que vai virar uma fera. – brincou ele com Isabela. Todos sorriram e se dirigiram ao carro.

CAPÍTULO CINCO

Pistas invisíveis

Robert e Pereira andavam pela alameda onde o corpo da garota havia sido encontrado morto, sobre uma poça de sangue. Alguns moradores jogaram flores no lugar e outros acenderam velas. Robert não atentava para o local exato de onde o corpo foi tirado e sim para pontos próximos a ele. Permaneceu alguns minutos olhando a esquina, imaginando os passos da moça e dos assassinos atrás dela. Todas as cenas eram reconstituídas em sua mente e a cada segundo tudo ia fazendo mais sentido para ele.

- Deve haver algum morador aqui que ouviu o grito dela. – Disse finalmente ele. – Teremos que pedir nos apartamentos mais próximos e tamb

ém entre os moradores de rua.

Ambos se dividiram e começaram a entrevistar as pessoas que moravam naquela região, em busca de alguma informação. O medo que a população tinha de represarias, no entanto, fazia com que ninguém falasse. O detetive tinha certeza de que a moça havia gritado e alguém ouvira o grito. Parou em frente a alguns mendigos e perguntou se eles dormiam ali durante a noite, e suas respostas foram afirmativas.

- Na noite de ontem vocês ouviram algum grito de mulher, por volta da meia noite? – Perguntou ele.

- Eu ouvi sim. – Disse um deles, visivelmente embriagado.

- E de onde veio esse grito? De qual lado? – Perguntou Robert, para se certificar da veracidade da informação.

- Veio dali. – apontou para a alameda onde ocorrera o assassinato.

- E o senhor viu alguma movimentação depois do grito?

- É. Uns caras vieram por ali e entraram em um carro bem aqui, naquela calçada. – apontou o morador.

- E quantas pessoas eram? – Perguntou Pereira que acabara de chegar ali e ouviu a conversa.

- Quatro.

- Quatro? – Perguntou novamente Robert, enquanto olhava para o amigo investigador com um ar de vitória.

- Sim! Três homens e uma mulher.

- Uma mulher?? – Perguntaram juntos Robert e Pereira.

- É.

- O senhor disse que eles entraram em um carro? Sabe me dizer que carro era? Qual a cor dele? – Inquiriu Robert.

- Não sei dizer, não senhor. Sei que é um dos grandes. E era escuro. De noite não consigo ver bem as cores. – justificou-se o senhor.

- E eles traziam algo nas mãos? – Continuou o detetive.

- Sim, acho que eram bolsas plásticas de mercado. Umas duas ou três.

- Valeu amigo! – Disse Robert, entregando à ele um dinheiro, como gratificação. – E pare de beber ein! – Completou enquanto saíam.

- Uma mulher... Provavelmente foi ela que fez o corte no peito. Ela não teria força física para segurar a garota no chão. – Concluiu Pereira.

- É... Ou foi exatamente ela que tapava a boca da garota, por isso conseguiu se desvencilhar. Bom, isso não é importante. Precisamos agora de pistas.

Os dois se dirigiram ao supermercado em que Sandra trabalhava, para falar com alguns colegas de trabalho, a fim de estabelecer alguma direção para as investigações. O supermercado era de uma grande rede, espalhada pelo Brasil, e tinha muitos caixas. As colegas de Sandra estavam desoladas e um ambiente triste tomou conta daquele lugar.

- Olá, somos investigadores da polícia civil e estamos desvendando o assassinato de sua funcionária Sandra, na madrugada passada. – Disse Pereira, identificando-se ao gerente e pedindo permissão para falar com algumas funcionárias que eram amigas ou que trabalhavam nos caixas ao lado do que Sandrinha trabalhava.

- Sem problemas, policial. Somos os maiores interessados em que o criminoso seja detido, pois as outras funcionárias estão com medo de trabalhar, pensando que serão perseguidas também.

- Não creio que sejam, senhor, - Disse Robert – Mas não é bom descartarmos esta possibilidade também. Podemos falar com alguns funcionários?

- Claro! Vou chamar aqui os que tinham maior contato com ela e as duas caixas que trabalhavam ao lado dela. Pode ser? – perguntou o gerente, prestativamente.

A primeira garota veio à sala. Era uma mulata de aproximadamente vinte e poucos anos. Nádia trabalhava ao lado do caixa de Sandra e eram amigas próximas. Ela estava visivelmente abalada com a morte da companheira.

- Seu enterro será amanhã cedo. – começou ela, o diálogo. – Está tudo muito triste! Sandra era uma garota muito boa, incapaz de fazer mal à uma mosca!

- Você quer dizer que ela não tinha inimigos? – Perguntou Pereira à moça.

- Não senhor, absolutamente. Ela era amada por todos. Até quem não a conhecia, quando falava com ela pela primeira vez, já ficava gostando dela.

- Ela tinha algum namorado? Algum relacionamento afetivo? – Perguntou Robert.

- Não. Ela era devotada à cuidar da mãe e da avó, que era muito enferma. Não tinha tempo para namoros. Ela mesma dizia que quando Deus enviasse um esposo, ela namoraria para casar. Não era dessas que saem com todo mundo. – Relatava a boa índole da amiga morta.

A segunda garota tinha opiniões e informações parecidas com a primeira. Todos unanimemente estavam atônitos com o assassinato.

- Você notou alguém estranho conversando com ela? Alguma reação diferente dela? Algo anormal? – Perguntou Robert à segunda garota que entrevistavam.

- Olha... é difícil saber, porque trabalhamos muito. E quando se trabalha com dinheiro, ficamos o tempo todo prestando atenção em nosso caixa, para não dar furo. Mas na semana passada um garoto muito bonito fez um galanteio à ela. Lembro-me que ele disse ser de fora, de outro estado se não me engano, e que havia achado ela muito bonita. Ele disse ser evangélico também, como ela era. Pediu-lhe o nome e anotou em uma caderneta. Ela nos disse que ele havia falado que voltaria para vê-la. Infelizmente ela foi assassinada e quando ele voltar, terá uma terrível surpresa.

- Se voltar! – Disse Robert olhando para Pereira, com um sorriso quase imperceptível nos lábios. – Se voltar... Acho que este é o nosso homem! Olha, garota, aqui está o meu cartão. Quando este garoto aparecer aqui para ver a

Sandra, você me liga imediatamente e dê um jeito de enrolar ele até eu chegar, ok? Eu creio que ele não voltará mais, porém não custa tentar. Se você o ver novamente, consegue reconhece-lo? Sim? Ótimo! Creio que em breve eu estarei trazendo uma foto dele para você ver.

Robert e Pereira saíram do supermercado com sensações diferentes: Pereira sentindo que Robert estava apostando alto demais em uma suposição muito insegura. Robert, por sua vez, estava criando um plano para atrair a atenção do assassino e sua equipe.

- Pereira, temos algumas vertentes para pensar! Eles podem assassinar garotas que trabalham em supermercados, ou que estudam a noite. Será que são apenas garotas que eles matam? Infelizmente não temos como saber qual a linha de atuação deles, enquanto não aparecerem novamente.

- Olha, eu acho que estamos nos precipitando em pensar assim, pois temos apenas algumas informações circunstanciais. – Rebateu o policial civil.

- Sim, eu sei. – defende-se Robert. – Mas raciocine comigo: a garota morta trabalhava no supermercado e, aparentemente, o assassino pesquisou sobre ela no serviço, então podemos pressupor que ele a escolheu pelo trabalho e não pelo colégio. Julgo termos acertado em ir ao supermercado. Outro fato importante é a forma do assassinato, pois eles tinham as pessoas certas para realizá-lo, o que prova tratar-se de um crime premeditado. Se fosse um homem forte que eles abordassem, talvez tivessem que utilizar outro método, do que simplesmente segurar e abrir a barriga. E o ponto mais importante: a assinatura! Eu sei que você pensa ser o escrito F.E.R.A. gravado na nuca da moça, mas não é. Isso foi apenas uma inscrição. A assinatura do crime está na forma de sua operação! Sabemos que foi realizado por satanistas, devido o fato de abrir a moça ainda viva e retirarem os seus órgãos, mas percebemos que são assassinos psicopatologicamente alterados porque escreveram a inscrição no corpo da vítima. Penso em duas hipóteses: É uma espécie de pacto de fidelidade entre eles. Quatro pessoas, independente de qual cortou a barriga ou qual segurou, todos tinham igual participação no crime, por isso escreveram cada um a primeira letra de seu nome. Confesso que é esta que creio ser a verdadeira, porém não posso descartar a outra hipótese, que é a de um *serial killer* psicopata, que mata moças, retira os órgãos para algum uso macabro e diabólico e ainda escreve um acróstico sinistro ou assina as iniciais de seu nome no corpo da vítima. Saberemos, infelizmente, qual delas é a alternativa correta quando vir o próximo crime, e certamente haverá. – Concluiu languidamente o detetive, com um olhar vago, perdido no horizonte, alcançando o alto mar com seu pensamento.

CAPÍTULO SEIS

Felipe Rangel

Ele os odiava intensamente. Suas palavras, suas falsas declarações de amor... Sorrisos e abraços... Tudo falso! A sua missão era destruí-los e ele havia decidido que seria o quanto antes. Atrás da pacata aparência de ovelha havia um lobo voraz e terrivelmente perigoso. Atrás da imagem de um jovem missionário estava a face de um satanista sedento por sangue e vingança. Atrás do olhar de Felipe Rangel estavam os demônios perigosíssimos que o possuíam, vendo tudo através de seus olhos, como um piloto controla uma aeronave da cabine de comando.

Felipe fingia estar muito a vontade junto a família de Isabela, na hora do almoço. Todos se mostravam acolhedores e receptivos ao novo hóspede, e desejavam saber muito sobre a vida dele.

Dentro de Felipe, o ódio por aquele povo era imenso. Mesmo que seus lábios sorrissem, sua vontade era matá-los todos. Era uma raça desnecessária sobre a Terra. Um esforço tremendo percorria o corpo dele, para não deixar transparecer quem realmente era.

"Ah! Se eles soubessem quem eu sou!! Ao menos pariam com estes sorrisos falsos e ficariam apavorados diante de mim!" – Pensava ele ao ver aquela mesa posta. "Todas estas iguarias seria trocadas pelos corações deles e eu seria honrado pelo meu senhor, Satanás, por haver cumprido minha missão" – Concluía seu pensamento, enquanto fingidamente sorria para todos eles e apreciava seu alimento, embora preferisse o gosto do sangue.

- É a primeira igreja que você vai estagiar, Felipe? – Perguntou Vera, mãe de Isabela.

- Sim, irmã. Graças a deus, porque já não agüentava mais esperar a hora de trabalhar. Sabe, o seminário é muito bom, mas quero colocar em prática tudo o que aprendi lá dentro. Sei que tenho um grande chamado e espero poder ser útil ao meu senhor. – Respondeu sorridentemente o satanista, referindo-se à "deus" e "meu senhor" como sendo Satanás, porém eles jamais perceberiam.

- É verdade que você é o melhor aluno do seminário? – Foi à vez de Isabela perguntar, visivelmente interessada nele.

- Bondade do reitor, Bela. – Respondeu ele romanticamente. – Fui apenas um aluno aplicado. Tenho certeza de que existem outros alunos melhores do que eu. Sou o menor entre eles!

Todos sorriram e se ouvia alguém comentar "que humildade a dele", conseguindo ele impressionar a todos. Felipe lembrava-se de cada lição da Escola de Missionários, quando ensinavam que os primeiros contatos eram cruciais para estabelecer a confiança. Logo mais, a noite, seria a sua apresentação na igreja e ele sentiria pela primeira vez o ataque espiritual de uma igreja de verdade! Estava nervoso, mas confiante de que tudo daria certo.

A NOITE

- Amados irmãos – dizia o pastor, iniciando a apresentação – estamos mais uma vez trazendo jovens ao campo de missões. Jovens que tem em seu coração o anseio pela Obra Missionária, por salvação de almas. Recebemos o contato da reitoria da Escola de Missionários através do Dr. Suynter, de que um jovem estava pronto para o trabalho.

Felipe, placidamente colocado em pé, ao lado do altar, fazia uma expressão de serenidade, maneando uma vez ou outra a cabeça, em sinal de conformidade com o discurso ouvido.

Pastor Sanderson discorria sobre as necessidades de treinamento de jovens semelhante à Felipe, também sobre o avanço do satanismo no mundo, o que fazia com que muitos adolescentes se embrenhassem nas trevas. A igreja ouvia atentamente e em um silêncio gélido as palavras do Pastor. Ouvia muitos poucos "amém" em meio ao acalorado sermão que, a princípio, era para ser apenas uma apresentação rápida do rapaz mineiro mas que, devido à sua prolixidade acabou se tornando uma pregação da Palavra de Deus.

"Se ele soubesse que o satanismo está tão avançado que já está dentro da sua própria igreja, o que faria?" – pensava Felipe, com um brilho estranho nos olhos. Ele olhava para a multidão de pessoas que congregavam naquele lugar e pode identificar demônios conhecidos em várias, muitas delas.

Felipe via vários demônios sexuais, da linha de Belfegor, sobre alguns casais. Ele podia ver que existia sobre algumas pessoas alguns Incubus e Sucubos, por isso pôde entender que aquelas pessoas estavam sendo atacadas em sonhos eróticos, para pecarem contra Deus. Havia também ao lado de outras pessoas demônios enviados por Belam, um dos oito sub-príncipes do inferno, que atuavam em vícios escondidos.

Ele estava satisfeito em saber que aqueles membros da igreja não eram crentes, porque socialmente estavam ali, mas no mundo espiritual estavam

ainda ligados à Satanás e isso lhes dava total direito sobre eles. Muitos ali pensavam ser salvos, mas os seus atos réprobos, suas obras dignas de arrependimento faziam com que estivessem debaixo da condenação eterna, e era isso que Felipe queria. Sem perceber ele soltou um sorriso. A igreja que olhava para ele admirada, pensou ser um sorriso por seu chamado missionário, mas era de contentamento por ver o quanto era fácil adentrar em uma igreja em que não se combate o pecado.

- Felipe, venha cá. – Chamou o pastor. – Quero que você fale algo à este povo.

Meio envergonhado, mas com uma postura complacente ele subiu ao altar, sob os aplausos calorosos de seus novos irmãos.

- Que a graça e a paz do senhor estejam com todos, amém? Estou muito feliz em estar iniciando um grande trabalho nesta igreja, o qual tenho planejado com muito afinco e amor, buscando um proveitoso fim para o nosso senhor. Vejo aqui muitas famílias, jovens, adolescentes e até crianças que tem em seus corações o ardente desejo pela obra missionária. Não podemos calar esta voz. Seus corações estão clamando por missões. O meu senhor está sedento por almas! Ele quer as vossas almas para fazer de vós uma nação vitoriosa. Não nos deixemos enganar! O inimigo está rondando a igreja do Cordeiro nos dias de hoje e está trazendo grandes dificuldades à sociedade, mas se nos unirmos, e se confiarmos uns nos outros, poderemos ir além do que os nossos olhos podem ver e nossos corações podem sentir. Estou aqui para trabalhar e me sinto forte para auxiliá-los em toda tarefa necessária na igreja. Contem comigo, em nome de Jesus.

O povo da igreja sorria e aplaudia, alegres por um jovem tão talentoso e com desejo de fazer a obra estivesse ali; Pastor Sanderson sorria alegre; Isabela sorria apaixonadamente. Todos estavam felizes.

No término do culto, Felipe ainda ficou conversando com os irmãos da igreja e, sorrindo muito, impressionava a todos com sua beleza, simpatia e inteligência. A primeira impressão estava sendo ótima! Ele estava conseguindo atingir o seu primeiro objetivo: conquistar o coração deles.

CAPÍTULO SETE

Madrugada na Cidade Maravilhosa

Robert e Pereira foram acordados por um telefonema do departamento. Mais uma garota havia sido encontrada morta. Desta vez, em plena Linha Vermelha, abandonada no asfalto, por um carro escuro, segundo relataram algumas testemunhas. Chegando ao IML, o policial e o detetive foram recepcionados pelo médico legista, que ia passando um prévio relatório enquanto andavam pelos corredores frios, até chegar à sala de autópsias.

- Era uma bela moça de vinte e três anos. – Disse o legista. – A bolsa foi encontrada vazia ao lado do corpo, tendo todos os seus pertences roubados. Ficou apenas a identidade no bolso traseiro da calça jeans surrada que ela usava, dessas do tipo que os jovens de hoje em dia usam. Acreditamos que foi um latrocínio. O seu nome é Analice e a *causa mortis* detectada foi um pequeno porém profundo corte no pescoço, provavelmente feito com um objeto perfuro-cortante muito afiado...

- Como um bisturi? – Interrompeu Pereira.

- Sim, como um bisturi. Este atingiu a veia Aorta e causou a morte por hemorragia. Só há um porém: Não sabemos para onde foi o sangue, pois encontramos o corpo da garota seco igual um pedaço de charque. – Definiu irônicamente o estado da moça o legista.

- O senhor notou alguma alteração no corpo dela, doutor? – Perguntou Robert, quando entravam na sala de autópsias, em que o corpo da jovem jazia sob um lençol, em cima de uma mesa metálica.

- Você quer dizer, algum tipo de marca ou sinal?

- Sim, você encontrou algo? – Insistia Robert.

- Não... nada relevante. Talvez você mesmo queira examina-la para se certificar. – Disse o legista, apontando para a garota morta, que estava descoberta agora.

Robert agradeceu, enquanto colocava as luvas cirúrgicas e se posicionava ao lado do corpo. Pereira estava imediatamente ao seu lado, atento à tudo. O primeiro lugar que os dois olharam foi na nuca da garota, para procurar a inscrição, mas não havia nada.

- Humm... Não tem nada aqui. – Suspirou Pereira.

- Calma, vamos analisá-la melhor. Talvez possamos encontrar algo que tenha passado pela perícia.

- Detetive, nós ainda não fizemos a autópsia. Apenas analisamos o corpo, porém não abrimos ainda. – Defendia-se o legista, de qualquer possível erro.

- Tudo bem, mas o que eu procurava não está aqui. – Disse Robert ao concluir a sua busca pelo corpo da jovem, para uma possível inscrição "F.E.R.A." feito nele. – Se me permitir, posso garantir-lhe que não foi um roubo seguido de morte, haja visto que os fatos são totalmente contrários à esta teoria. Esta garota foi morta em um local distante de onde foi encontrada, depois trazida até a Linha Vermelha e, por algum motivo que eu desconheço, jogaram-na naquele ponto. O roubo foi apenas para desviar a atenção da polícia, mas os criminosos queriam que soubéssemos quem ela é, pois colocaram a cédula de identidade da garota em seu bolso traseiro. Isso é fácil de deduzir, a partir do princípio que ela tinha uma bolsa que fora encontrada vazia. Por que razão ela teria uma bolsa, mas guardava o documento no bolso traseiro de uma calça jeans, que como podemos notar, é menor que a própria identidade. – Disse Robert apontando para a calça que havia sido retirada do corpo dela. – Uma outra questão é: porque ela foi assassinada? Você pode determinar através de exames quanto tempo ela esteve morta, certo? Então faça isso e teremos muitas respostas. – Disse ele ao médico e virando-se para Pereira, completou: - Precisamos ir ao local em que encontraram a garota. Chame mais viaturas para podermos isolar a área por um tempo.

- Ok! Vou fazer isso imediatamente. – Completou o amigo, ligando para a central e mandando algumas viaturas irem até o local.

- Tenho razões para acreditar que ela foi morta por um motivo, mas largada naquele lugar por outro motivo. – Disse Robert ao amigo policial enquanto corriam para o carro.

Quando chegaram ao lugar em que foi encontrado o corpo, as viaturas já estavam lá. Isolaram o local e deixaram apenas uma via para que os carros passassem. Robert analisou bem o lugar, mas parecia comum e sem informações. Não havia uma gota de sangue sequer no asfalto, apenas os tamancos dela que haviam sido deixados para trás.

Confuso, o detetive sentou no meio-fio da calçada para pensar um pouco. Pereira chegou ao lado dele e sentou-se também.

- O que acha que foi? Será que são eles?

- Creio que sim, pois o sangue não está na garota, como os órgãos internos não estavam na outra, mas cadê a inscrição? – Indagava Robert.

- Você olhou bem? Não estava entre os cabelos? – Tentava amenizar a situação.

De repente, a expressão de Robert gelou. Seus olhos ficaram vidrados, sua boca travou e sua respiração parou.

- O que foi amigo? Perguntou preocupado o policial, vendo o amigo detetive.

- Eles não assinaram o crime nela. Se a assinatura não vem até ela, ela vai até a assinatura. – Completou Robert, apontando para o outdoor que estava bem em frente ao local em que o corpo foi encontrado, do outro lado da rua em que estavam. Era de uma marca de tênis, no qual se lia em letras garrafais: "Seja um FERA nos esportes". Em baixo da palavra FERA havia um risco feito com spray vermelho. Robert levantou-se e saiu correndo até a placa, pulando por sobre um muro que fazia a separação da rua com o terreno. Passou a mão no risco vermelho de spray e viu que a tinta era fresca.

- Malditos! Eles não assinaram na garota, mas trouxeram-na e jogaram-na aqui, para que nós viéssemos atrás das pistas. Eles sabem jogar, mas eu também sei. – Esbravejou o detetive. – Vamos ao necrotério, preciso pensar.

- Você acha que existe alguma evidência no corpo da garota? – Perguntou aflito Pereira.

- Não... creio que ela está limpa, mas quero saber quanto tempo ela está morta. Acho que isso nos levará a algum lugar.

No caminho de volta, Robert permaneceu calado e imóvel no banco do carro. Suas habilidades de investigador estavam sendo quase nulas neste caso. O criminoso era muito astuto e sabia muito bem o que estava fazendo. Primeiro havia sumido os órgãos internos da primeira moça... agora todo o sangue da segunda. Porque apenas mulheres estavam sendo mortas? O que havia nisso tudo? Porque sempre era retirado algo de dentro delas? Haverão mais mortes? Dúvidas estas que pairavam sobre Robert e rebatiam em sua mente, lhe causando gratuitamente uma enxaqueca.

- No que está pensando? – Perguntou furtivamente Pereira.

- Estou pensando no que fazer para evitar que mais garotas sejam assassinadas.

- Você acha que haverá mais?

- Tenho certeza que sim e, infelizmente, acho que serão várias, se não pegarmos este psicopata antes. Não sabemos ainda se é um ou vários. Creio que são no mínimo quatro, mas sob o comando de uma única pessoa.

NO NECROTÉRIO

- O senhor acha que ela teve todo o seu sangue escoado por este corte? Quanto tempo isso levaria? – Perguntava Robert ao médico legista.

- Creio que pelo menos umas duas horas, para deixa-la no estado em que ficou.

- Nossa! Bom... o senhor encontrou algo mais que possa identificar alguma agressão física, alguma coisa? – Perguntou desta vez Pereira, com uma visível aflição na sua voz.

- Bem, encontrei um hematoma na região traseira do crânio, com rompimento de alguns vasos sanguíneos, o que julgo ter sido feito por uma pancada, possivelmente para desmaiá-la. Enquanto ela estava desmaiada, mataram-na com o corte no pescoço. O Exame toxicológico sairá em breve e saberemos se ela foi dopada com alguma substância. Segundo alguns exames de tecidos epiteliais, percebemos que ela está morta há mais de oito horas, pois as extremidades da pele já estão em decomposição.

- Oito horas? Repetiram simultaneamente Robert e Pereira.

- Sim, oito horas.

Pereira pegou o telefone celular e ligou para o DP.

- Joyce, é o Pereira. Quero que verifique um nome: Analice Matos. Veja se descobre o endereço dela ou algo assim. Precisamos avisar a família e fazer algumas perguntas.

Enquanto Pereira falava ao celular, Robert aproveitou para ligar para casa, pois o dia já estava amanhecendo. Ele precisava dizer a Suzan o que estava acontecendo e que ficaria mais tempo do que o esperado.

- Pereira, ela estava morta há oito horas. Isso significa muito, porque o corpo foi jogado às três horas da manhã. Isso nos diz que ela foi morta às dezenove horas, ou seja, na entrada do colégio. Ela provavelmente estudava a noite, e isso nos faz entender que o assassino conhecia seus hábitos ou simplesmente escolheu qualquer estudante que estava indo para a escola, a seqüestrou e a matou. Porque ele a jogou neste ponto, especificamente? Para

que possamos criar um raio de ação para procurá-lo: deste ponto até a distância do colégio e até a distância do primeiro assassinato. Se pegarmos o mapa, teremos então uma área menor do que toda a extensão do Rio de Janeiro para procurar e aposto com você que todas as garotas mortas estão dentro desta área de ação do criminoso.

- Pode ser, mas mesmo assim é uma área muito grande. – consertou o amigo.

- Claro, Pereira, mas com novas pistas que formos reunindo ao longo da investigação, fecharemos o cerco sobre ele! – Resumia alegremente o detetive.

O celular de Pereira toca, era sua secretária Joyce com as informações.

- Você acertou de novo, Robert. A garota estava indo para a escola, mas não foi vista pelos amigos. A família já havia informado à polícia local sobre o desaparecimento e estão indo reconhecer o corpo dela.

CAPÍTULO OITO

Carta Anônima

- Este Robert pensa que pode me apanhar... ele é apenas um fraco se julgando forte! Durante todos estes anos eu espero por isso... mas agora é a vez da minha vingança. Essas prostitutas, meretrizes! Todas elas serão mortas. São elas que tem poluído esta cidade com sua maldição e desgraças. Elas tentam se esconder, se disfarçar, mas eu sei quem elas são, sim! Cada uma delas... eu vou matar até a última delas, até a sétima meretriz. – Uma gargalhada ecoava no pequeno quarto do hotel barato, em uma alameda central, em um bairro central do Rio de Janeiro. – Eu vou tirar o opróbrio delas! Vou acabar com essas mulherinhas que querem deixar de servir ao homem! – Dizia, citando erroneamente o profeta Isaías, capítulo quatro, verso primeiro. – Eu sou o Sétimo Anjo! Eu tenho as sete taças com os últimos sete flagelos e vou dar cada uma das taças à cada uma das meretrizes!

Suas gargalhadas eram abafadas pelo barulho da televisão, somado ao som dos carros passando na rua logo abaixo. Dentro daquele hotel de quinta categoria estava uma mente sombria, odiosa, que planejava meticulosamente a morte de sete mulheres, escolhidas à dedo. Duas delas já estavam mortas e faltavam ainda outras cinco.

De repente alguém bate à porta de seu quarto. Eram mais dois homens e uma mulher, que se juntavam àquela reunião macabra, onde homens e demônios criavam estratégias para afetar o mundo físico e atingir a criação de Deus.

- Irmãos... – disse aquele que se intitulava "O Sétimo Anjo" – Nosso propósito está sendo realizado com sucesso. Eu tinha certeza que o policial Pereira chamaria seu amigo Robert para cá, quando encontrasse a primeira meretriz morta. Agora só precisamos manter nossas metas. Eliminamos as outras cinco ainda esta semana e, finalmente, eliminamos Robert!

- Mas, Sétimo Anjo, o senhor acha que será fácil matar o Robert? Ele é muito esperto e inteligente. – Disse a única mulher do grupo, Raquel.

- Claro que sim, Raquel! E é por isso que o estou deixando por último. Ele vai ficar tão desmoralizado por não conseguir resolver o caso que vai estar psicologicamente fragilizado e abalado. Será tão fácil que eu mesmo o matarei pessoalmente!

- Mestre, o senhor tem certeza? Ele é perigoso! – Alertou Estevan.

- Fique tranqüilo, sei o que estou fazendo, já enviei uma carta para ele, para que possamos lhe atrapalhar os sonhos.

Pereira chega em casa com seu amigo Robert, cansados depois das buscas na madrugada sem encontrar absolutamente nada. Marta, a esposa de Pereira estava acordada e esperando-os com o café na mesa. Tinha um envelope sobre a mesa, endereçado à Robert.

- Isso é para você. Foi posto em baixo da porta, hoje cedo. – Disse ela.

Os dois amigos se entreolharam e Robert abriu a carta e leu em alta voz:

"Estimado Robert,

"Sei que não é muito usual um psicopata como eu mandar uma carta ao seu perseguidor, você, mas é que vejo seu esforço e não consigo entender como ainda não descobriu pistas concretas sobre o meu paradeiro e sobre as próximas mortes. É bem verdade que o que estou fazendo mais pode ser comparado a um serviço de utilidade pública do que assassinatos em série, mas você jamais entenderia. Sempre defensor dos costumes cristãos e do amor, acaba tornando-se um fraco. E é por esta razão que eu estou vencendo este duelo. Já matei duas e vou matar mais, até se acabarem os flagelos que tenho em minhas taças. Essas insubmissas precisam aprender!

"Nosso próximo encontro será hoje ainda. Os jornais vão noticiar. Até lá!

F.E.R.A."

O rosto de Robert empalideceu e ele ficou mudo. Pereira e Marta olhavam firmemente para ele, sem ter o que dizer também.

- Ele vai matar mais cinco garotas! Mas quais os critérios dele? – Disse o detetive.

- Como você sabe? – Perguntou Pereira.

- Apocalipse vinte e um, verso nove: Sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos. Na carta diz que ele vai matar até que se acabem os flagelos de suas taças. Ele já matou duas, faltam então mais cinco.

- Meu Deus! Ele está seguindo a Bíblia! – Disse Marta, assustada.

- E o que ele quis dizer com "essas insubmissas"? Ele é algum conhecido das garotas?

- Não creio, Pereira. Ele é um maluco endemoninhado que está cego pelos demônios. Essas garotas muito provavelmente não devem ter nada a ver com ele. Mas no livro de Isaias fala sobre sete mulheres que não queriam ser sustentadas por um homem. Passe-me aquela Bíblia ali, por favor. Deixe me ver aqui... Ah! Encontrei. Isaías quatro, verso primeiro, ouçam isso: Sete mulheres, naquele dia, lançarão mão de um homem, dizendo: Nós mesmas do nosso próprio pão nos sustentaremos e do que é nosso nos vestiremos. A Bíblia está cheia de citações sobre a mulher ser submissa ao seu marido, em Efésios, Colossensses e 1 Pedro são algumas delas. Ele está associando essas garotas, que creio eu já foram escolhidas para serem mortas, à alguma coisa. Talvez alguma desilusão amorosa que teve, ou algum fato do passado. Mas o interessante é que ele me conhece, porque mencionou a palavra duelo. Ele está duelando comigo... mas pelo que?

- Talvez ele seja algum velho conhecido seu, Robert. Pode pensar em alguém?

- Não Pereira... nos últimos anos tenho me relacionado muito pouco com outras pessoas que não sejam do meu circulo de convivência. Precisamos nos preocupar em como evitar as próximas mortes e tentar descobrir como, quando, onde e quem serão.

Pereira abriu bem os olhos em um espanto e disse:

- Amigo, é mais fácil acharmos uma agulha em um palheiro do que isso. O Rio é muito grande. As pessoas daqui tem o hábito de ficarem na rua, até tarde, conversando nas calçadas. Não podemos dar um alerta ou um toque de recolher para as famílias. Sei que temos que descobrir logo quem é esse maluco, mas não temos como evitar que as pessoas estejam expostas ao perigo.

Robert, fingindo não ouvir o que o policial disse, pegou novamente a carta e o envelope nas mãos. Ele examinou meticulosamente cada milímetro da carta e envelope, depois cheirou ambos, e enfim sorriu para o amigo e disse:

- Bom, vamos procurar em todas as papelarias no centro do Rio de Janeiro que estejam perto da praia, por um homem de meia idade, com aproximadamente quarenta e cinco anos, canhoto, que usa óculos e se veste socialmente bem, que tem um carro sedan escuro e que ontem, entre meio-dia e dezoito horas comprou uma caneta esferográfica azul nova, algumas folhas de papel sulfite e um envelope novo. Ele não é aqui do Rio de Janeiro e provavelmente está hospedado em algum hotel próximo da papelaria.

- Ual... Calma aí. Como você sabe tudo isso? – Perguntou atônito Pereira.

- Elementar, meu caro Pereira, – Respondeu Robert em seu estilo Sherlock Homes – Percebi sobre o papel pelo cheiro da maresia impregnado neles. Essas

papelarias que atendem no centro, perto da praia, vendem muito material para escritório, e isso inclui canetas esferográficas, papel sulfite e envelopes avulsos, e o cheiro de sal fica notório nos papéis. O envelope também é novo, e com o mesmo cheiro de papel novo, porém salgado. Notei que a caneta era nova porque aqui no início da carta percebe-se que a tinta ainda está um pouco seca e falha, mas do meio em diante, ela está fluindo perfeitamente. A grafia é nitidamente masculina, levemente inclinada para a direita e com algumas letras iniciais levemente borradas para a direita, o que nos faz presumir que um canhoto escreveu e, sem querer, borrou com a mão esquerda, por cima da letra. Os traços são fortes e rápidos, com letras particularmente iguais e sem nenhum erro, o que nos faz deduzir que é um homem entre quarenta e cinqüenta anos, com boa formação acadêmica, mas que a obteve escrevendo muito em cadernos, o que o deixou com uma escrita impecável e rápida, como mostra a inclinação nas letras. Se fosse um jovem recém formado, devido ao advento dos computadores, teria uma letra horrível e disforme, típica de quem não está mais acostumado a escrever manualmente e sim em teclados de computador. Com isso isolamos a faixa etária do nosso suspeito. A formação acadêmica se dá ao uso de palavras bem colocadas, sem erros de ortografia nem de concordância. É uma pessoa que lê muito, porque citou trechos da Bíblia, por mero conhecimento. Quanto a não morar no Rio de Janeiro é simples, pois caso morasse, provavelmente não precisaria comprar uma caneta e uma folha de papel. Isso me dá vazão para deduzir que ele está hospedado em algum lugar e porque perto da papelaria? Normalmente quando nos hospedamos em uma cidade que não é a nossa, temos o hábito de comprar nos lugares mais próximos de onde estamos, mesmo que não sejam os melhores locais ou até os mais baratos. Creio que este foi o caso. O carro é óbvio, eu associei ao relato dos moradores de rua, no primeiro assassinato, quando viram um carro grande e escuro. Agora, meu caro "Watson", é só buscarmos nossas pistas. – Concluiu Robert sob os olhares pasmos do casal amigo, comparando Pereira ao Doutor Watson, personagem do inglês Arthur Conan Doyle, autor de Sherlock Homes.

CAPÍTULO NOVE

Notícias na TV

"Nesta madrugada foi encontrada mais uma garota morta, na cidade do Rio de Janeiro. Esta parece ser o segundo de uma série de assassinatos que estão acontecendo, com características únicas. A primeira garota morta teve seus órgãos internos totalmente retirados e desaparecidos. Neste caso, a garota teve o seu sangue totalmente retirado. A polícia descarta a hipótese de vingança de traficantes e pede à população que ande vigilante. Fontes extra-oficiais nos garantem que um *serial killer* está à solta na Cidade Maravilhosa matando garotas entre vinte e vinte e cinco anos. Resta-nos agora ver o que as autoridades vão fazer para resolver o caso. Chegou até nós a informação de que o famoso detetive particular Robert Henrique Von Haus foi chamado pela polícia civil para auxiliar nas investigações. Segundo também nossas fontes, o *serial killer* teria assinado um dos assassinatos com o nome FERA. Mais notícias em uma hora!"

Isabela desligou a televisão. Foi para o seu quarto e sentou-se na cama.

- Que coisa horrível! – Disse ela baixinho, para si mesma.

Felipe bate na porta do seu quarto e abre a porta que estava apenas encostada.

- Bela? O que houve? Eu vi que você saiu da sala e veio aqui para o quarto. Aconteceu alguma coisa?

- Nada não. Apenas fiquei espantada com as notícias. Existe um *serial killer* a solta aqui no Rio, e está matando garotas. Isso dá medo.

- Não se preocupe Bela. – disse Felipe enquanto sentava-se ao lado dela, pegando-lhe a mão. – Eu te protejo, ta? Te prometo que nada vai te acontecer.

Ela sorriu para ele.

Ele abraçou-a carinhosamente e saiu, fechando após si a porta do quarto.

No coração de Felipe o ódio estava sendo bombardeado por algo desconhecido. Desde muito cedo havia aprendido a não amar. O amor era para os fracos. Ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas algo o fazia mudar quando chegava perto de Isabela. Ele sentia-se diferente na sua presença. Quando olhava para o seu rosto, seu coração disparava e ele não conseguia conter um sorriso. Os demônios o açoitavam a noite, com medo que

ele se perdesse, mas era impossível sustentar aquela situação. O hálito dela era agradável à ele. Porém a cada manhã, depois de uma longa madrugada sendo tomado pelos demônios em seu quarto, Felipe acordava transformado e novamente decidido a matar todos eles.

Seu plano inicial era apenas quebrar a igreja, envolver o pastor em algum escândalo, separar famílias. Mas agora seus planos mudaram. Ele também mataria a família de Isabela, e ela seria a primeira. Os demônios haviam dito à ele que ela era falsa, que seu amor era mentira. Que tudo o que ela fazia para conquistá-lo era a fim de destruí-lo e torná-lo um fraco como eles.

Felipe sabia que as coisas haviam acelerado de tal maneira que não adiantava mais esperar o tempo. Ele teria que agir rápido! Muito provavelmente dentro daquele mês. Já estava próximo o Natal e as festividades da igreja. Ele daria o melhor presente à eles: Isabela morta!

Isabela entra furtivamente no quarto de Felipe, após ouvir um barulho na janela. Ela estava preocupada com a história de um *serial killer* a solta no Rio de Janeiro e foi até lá para averiguar, mas notou que o aposento estava vazio.

- Onde o Felipe se meteu a uma hora dessas? – Disse para si mesma, sussurrando, enquanto ia até a janela que estava aberta, e que dava para o pátio da casa, na parte dos fundos.

Ela sabia que Felipe havia saído por aquela janela, mas porque? Qual o motivo o fez sair no meio da noite para a rua, em uma cidade perigosa como o Rio de Janeiro? Ela pacientemente sentou-se e esperou... esperou muito.

O tempo passou e Isabela adormeceu, sentada na poltrona do quarto de Felipe. De repente um barulho na janela a fez acordar. Era Felipe voltando de seu passeio noturno, sem perceber que havia alguém dentro de seu quarto. Ele sorrateiramente fechou a janela, tirou seus sapatos e foi ao banheiro, quando deparou-se com Isabela sentada a sua frente.

- Be.. Bela? O que você faz aqui? – Assustou-se ele.

- Esperando você voltar de algum lugar, que vai me contar onde é, aposto. – Disse ela séria e com seus olhos fixos nos dele.

- Oras, você quase me matou do coração, garota! Deixe disso... eu sai porque eu queria ir orar em silêncio lá fora. O que? Sair pela porta da frente? De

maneira alguma, pois sua mãe não iria deixar, pois ela pensa que eu vim das roças de Minas Gerais.

- Felipe, você não sabe que existe um assassino a solta por aí? – Disse Isabela, em tom de preocupação.

- Claro que sei, mas sei também que ele só pega garotas, então estou livre... e mais, no Rio de Janeiro existem outros perigos muito maiores do que este doido a solta por aí. Fique tranqüila, eu estou bem.

Não muito convencida, Isabela deixou o quarto de Felipe para que ele pudesse tomar um banho e ir dormir. Ela não conseguiu pregar os olhos a noite toda, pensando em tudo: no passeio de Felipe, nas mortes das garotas, no assassino. Finalmente o dia amanheceu e ela adormeceu em meio ao cansaço.

MAIS NOTÍCIAS NA TV

"Hoje pela manhã, uma jovem de dezessete anos foi encontrada morta, com o cabelo raspado e as unhas das mãos e dos pés arrancadas, em um bairro de classe média da cidade. As autoridades atribuem o crime ao *serial killer* que está a solta no Rio de Janeiro, mas afirmaram que já possuem pistas sobre ele e que a sua prisão é uma questão de tempo. A população começa a entrar em pânico e a se revoltar contra a situação, pedindo proteção à polícia. Kátia Fregman, direto do Plantão Primeira Hora".

- Sim, eu sei... Mais uma garota! E estamos com o corpo aqui na nossa frente – Dizia Pereira ao telefone, com o superintendente da polícia civil. – Toda a nossa inteligência voltada para o caso, senhor, mas o cara é invisível. O Robert já está no encalço dele.

- Pereira, ouça uma coisa, preciso que pegue esse desgraçado! Dê autonomia ao trabalho do Robert, para que ele consiga encontra-lo, ok? Dê a ele o que precisar para pegar o assassino.

- Certo chefe. Fique tranqüilo. Estamos fazendo o melhor para que o caso se resolva o quanto antes. – Finalizou Pereira, sentando-se e colocando a mão sobre a sua testa, visivelmente preocupado com a situação.

- Fique tranqüilo você, amigo, vamos resolver o caso. – Disse Robert que estava ao seu lado, examinando o corpo da jovem encontrada morta. – Agora vamos terminar de examinar este corpo e sair para investigar as papelarias no centro da cidade.

A garota tinha sido morta cruelmente. Provavelmente com uma pancada na cabeça, como no assassinato anterior, mas neste caso a pancada trouxe o óbito. Seus cabelos foram raspados e suas unhas arrancadas friamente. Novamente a carteira de identidade fora deixada no bolso da calça, escrito com uma caneta por cima dela a palavra F.E.R.A.

- O nome dela é Tânia. 17 anos. Bonita quando tinha cabelos. – Gracejou sombriamente o legista, como sempre. – Não sabemos se as unhas foram arrancadas antes ou depois de morta.

- Foram arrancadas depois de morta! – Concluiu Robert, após a sua análise. – Note na expressão facial dela... Não há nenhum músculo contraído, o que nos informa que ela foi morta subitamente e não passou por espasmos de dor, o que seria normal se lhe arrancassem as unhas ainda viva. O cabelo também foi raspado depois de morta, pois se percebe que foi feito de forma grosseira e com o corpo deitado de barriga para cima, pois os cabelos da nuca estão mal raspados, provavelmente pela dificuldade que proporcionou o enrijecimento do pescoço, após o esfriamento do corpo.

- É possível. – Disse o legista, visivelmente consternado com a capacidade de raciocínio e dedução que Robert mantinha.

- A questão é: por quê? – Insistia Pereira com a mão na testa, enquanto maneava a cabeça desiludido.

- Porque ele está seguindo passos de um ritual satânico, oras! – Respondeu Robert, causando um calafrio nos dois que estavam com ele.

- Como é que é? – Levantou-se Pereira.

- No primeiro caso foram os órgãos. No segundo o sangue. Agora o cabelo e as unhas. O que falta para acabar com o corpo de uma pessoa?

- Sei lá, Rob, muita coisa! Os olhos, a pela, a língua... o que pode ser?

- Exatamente. Pode ser muita coisa, mas se descobrir-mos o que será e qual a seqüência que ele usa, vamos pega-lo no próximo ataque. Enumere os fatos comigo: primeiro, ele mata mulheres apenas e bonitas. Isso elimina os homens e as feias. – Brincou ele dando uma risada sem ninguém acompanha-lo. – Tudo bem, sei que não teve graça. Continuando: ele não é daqui, está hospedado em um hotel no centro da cidade, perto de uma papelaria e perto da praia. Esta última garota foi morta na Tijuca, dentro do nosso raio de ação do criminoso. Sabemos que ele pretende matar sete garotas, e já matou três delas, isso nos dá a probabilidade de que ele vai matar, se puder, mais quatro. Todas as garotas estavam sozinhas na hora em que foram abordadas. Vamos intensificar as investigações e policiais civis nesta área em que ele está atuando, em busca de

um homem de meia idade, em um carro sedan escuro, com placa de fora do Rio. Poderemos então encontrar alguns suspeitos. Agora, vamos à caça da nossa papelaria e obteremos mais respostas ainda hoje.

CAPÍTULO DEZ

Papelarias

- Boa tarde, senhora. Somos da polícia civil e estamos procurando por um homem entre quarenta e cinqüenta anos de idade, usando óculos, bem vestido, que comprou recentemente material para escritório, sendo eles uma ou mais canetas esferográficas azuis, papel sulfite e envelopes. – Perguntou Pereira educadamente à dona de uma papelaria a beira-mar, enquanto mostrava-lhe seu distintivo de policial.

- Olha oficial, é difícil lhe dizer pois dezenas de pessoas compram aqui. O senhor saberia me dizer quando foi isso?

- Provavelmente entre dois ou três dias atrás.

- Deixe que vou perguntar aos funcionários.

Depois de algum tempo, ela retorna:

- Sinto muito, mas ninguém viu alguém assim.

- Ok. Caso saibam de algo, por favor liguem para mim. – Entregou Pereira seu cartão à ela.

- É o caso do assassino de mulheres? – Perguntou sorrateiramente a mulher para ele.

- Não. – Sorriu Pereira. – É apenas o meu tio do interior que se perdeu aqui no Rio. Muito obrigado assim mesmo. – Disse ele se despedindo.

Enquanto andavam pela calçada, Robert comentou:

- Os assassinatos já estão na boca do povo. Em três papelarias que eu fui perguntaram se era sobre o caso das garotas mortas.

- Eu também. O povo está preocupado. O que fazemos Rob? É difícil encontrar alguém com a sua descrição. – Perguntou intrigado o policial.

- É verdade, mas temos que prosseguir. É a nossa chance. Depois procuramos nos hotéis da região. Vamos encontrá-lo.

A busca se deu pela tarde toda, até que no final da tarde uma balconista disse que realmente havia atendido um senhor, muito educado que tinha aquelas características. Ela o classificou como um homem muito religioso, que usava um grande crucifixo no pescoço.

- Este é o nosso homem! – Disse Pereira triunfante para o amigo Robert.

- Você notou algum aspecto específico nele? Como algum anel, ou alguma marca no corpo, algum sinal? – Perguntou Robert, tomando frente nas perguntas.

- Não, apenas o crucifixo mesmo. Ah, ele usava um perfume adocicado, fortíssimo, que impregnou o lugar. Não sei se serve para as suas investigações. – Referiu a balconista.

- Serve sim. Muito obrigado. – Agradeceu educadamente Robert.

Os dois estavam eufóricos na rua. Pareciam duas crianças na busca de um presente escondido.

- Vamos orar, Pereira, porque sei que o Senhor nos entregará este inimigo em nossas mãos!

- Amém! Eu creio nisso. – Respondeu o amigo.

Robert foi até o carro e pegou uma Bíblia. Orou intimamente ao Senhor e disse:

- Pai, em Nome de Jesus, mostre-me uma direção.

E abriu a sua Bíblia em Ezequiel 21:11, que dizia: "Deu-se a espada a polir, para ser manejada; ela está afiada e polida, para ser posta na mão do matador".

- Pereira! Você escutou isso? Deus está nos dizendo que o matador vai atacar novamente. Pense bem: a espada está polida, posta na mão do matador, para que ele possa usá-la.

- Verdade! Mas precisamos saber onde e quando. Você acha que o assassino pode estar hospedado em algum hotel aqui perto?

- Acho sim, e não existem muitos hotéis nesta região. Poderemos procurar em todos eles e, com certeza, acharemos nosso homem. – Disse Robert, confiante que Deus o estava direcionando em tudo.

***

Os hotéis daquela região eram mistos. Ou luxuosos para abrigar turistas de todas as partes do mundo, que vinham conhecer as belezas do Rio de Janeiro, ou baratos, que serviam de prostíbulos para saciar os favores sexuais das prostitutas no centro da cidade. Robert havia diminuído bastante o número de opções para a busca, pois criou um circulo imaginário ao redor da livraria onde supostamente o criminoso tinha comprado. Mesmo assim, havia um

grande número de opções e os dois amigos precisaram dividir-se, perguntando de hotel em hotel, sobre possíveis hospedes com as características do assassino.

No meio da tarde, já com o corpo coberto de suor e dor nas "batatas da perna", Pereira pega o celular para ligar ao amigo, tencionando obter alguma informação do que tinha conseguido nos hotéis em que fora, mas não foi preciso, pois antes mesmo de pressionar a primeira tecla, Robert apareceu na esquina, andando rápido e com um olhar assustado no rosto.

- O que houve? - Indagou Pereira. – Parece que viu uma assombração!

- Antes fosse, antes fosse... Eu simplesmente achei onde o assassino está hospedado!

- Como assim? Você encontrou ele? – Perguntou eufórico Pereira.

- Não. Mas o porteiro me disse que existe alguém lá com estas características, mas que não estava no momento.

- Então vamos obter um mandato e busca-lo para um interrogatório!

- Calma, Pereira. Se fizermos isso, ele escapará e nós não teremos provas para prendê-lo. O melhor a fazer é ficar-mos de tocaia e tentarmos pegá-lo no ato! Assim damos o flagrante.

Ambos decidiram que esta seria a melhor opção, e voltaram para casa de Pereira para descansar, comer algo e orar, orar muito, pois apenas Deus poderia ajudá-los a solucionar este mistério.

CAPÍTULO ONZE

(In)decisões

"Querido diário, tenho algo para lhe contar hoje que está acabando comigo. Nunca esperava me apaixonar por alguém! Minha vida estava toda bem programada... tudo certo... Eu iria fazer uma faculdade, depois um curso de missões. Iria para algum país necessitado de missionários e serviria ao Senhor naquele lugar. Quando retornasse, conheceria um bom homem de Deus e me casaria. Teríamos uma família!! Mas de repente tudo mudou dentro de mim... Estou apaixonada por um jovem que está na minha casa. O seu nome é Felipe. Ele tem algo em si que me atrai, e ao mesmo tempo me incomoda. Um ar de mistério... Seus olhos se escondem dos meus quando lhe falo de mim mesma, e os meus fogem dos dele, quando ele fala de mim também! Nunca imaginei que os meus planos seriam rompidos assim, sem mais nem menos. Mas além disso, tenho um grande problema... algo que está açoitando a minha alma. Existe um assassino a solta na cidade, matando mulheres. A imprensa o tem chamado de FERA, porque ele deixa estas inscrições em suas vítimas. O nome do Felipe é Felipe Rangel, FERA também... e é o seu apelido. Tenho medo que seja ele!! Todo o ar de mistério que o envolve me assusta, mas ao mesmo tempo me atrai! Penso que se realmente for ele, poderei ganhá-lo para Jesus! Mas também pode ser apenas uma severa coincidência... ou um delírio de uma adolescente como eu. Não sei o que fazer... Acho que vou contar aos meus pais, assim eles saberão o que fazer por mim. Creio que é o melhor a fazer! Mesmo que seja a paixão da minha vida, sacrificarei a mim mesma para proteger minha família e a minha vida".

Isabela fecha o seu diário e coloca em baixo do seu travesseiro, onde sempre ele fica. Ela deita-se na cama e vira para o lado da janela de seu quarto. Está uma linda manhã lá fora. Ela não consegue imaginar o porquê das incursões noturnas de Felipe. Será que realmente ele seria o assassino?

"Bela!" Ela ouve a voz de seu pai, chamando-a na porta de seu quarto.

- Entra, pai!

- Meu anjo... o dia já nasceu! Não vai descer para tomar café comigo?

- Claro pai! Não perco este momento por nada neste mundo! – Disse ela, enquanto pendurava-se no pescoço do seu pai. – Pai, te amo muito.

- Filha, você está bem? Eu te conheço, e acho que você não está legal. Quer conversar?

- Quero sim, pai, mas não agora. Vamos descer? Estou faminta!!

- Certo! O último que chegar à mesa lava a louça do café, ok? – gritou o pai, correndo pelo quarto e alcançando rapidamente o corredor, com uma agilidade juvenil.

- Bom dia Felipe! Como passou a noite? – Perguntou o pai de Isabela.

- Bom dia, Sr. Antonio. Estou ótimo. Tive uma noite abençoada!

- Bom dia, Bela! – Disse Felipe enquanto dava um beijo no rosto da moça. Ela virou levemente o rosto na direção oposta. Sr. Antonio percebeu a reação da filha e já pôde imaginar o conteúdo da conversa que ela queria ter com ele. Provavelmente ela estaria apaixonada pelo rapaz, mas queria saber antes a aprovação do pai.

- E então? – Puxou assunto, o pai. – Quais os planos de vocês para hoje?

- Vamos dar uma volta e visitar a casa de alguns irmãos. – Respondeu Felipe.

Durante o dia, as visitas foram pitorescas. Isabela estava estranha, não conversava quase nada. Felipe desconfiou que alguma coisa estava errada. Enquanto caminhavam na beira da praia de Ipanema, sentaram-se em um banco, para tomar uma água de coco.

- O que foi, Bela? Que bicho mordeu você?

- Nada Fê, apenas não estou nos meus melhores dias. – Desconversou a garota.

- Tudo bem... se quiser conversar, se abrir, sabe que pode contar comigo.

- Obrigada, mas creio que neste meu caso, acho melhor não.

Encerrou a conversa, levantando-se e saindo.

Felipe sabia que ela havia descoberto. Ele tinha certeza! Seus pensamentos começaram a ser confrontantes... afinal de contas, ela era uma boa menina.

- Não!! Ela é um lixo! É uma peste nesta terra que nos pertence!! – Gritavam os demônios dentro dele.

Enquanto Isabela andava pelo calçadão, Felipe ia atrás, apenas a observando, afinal de contas, ela levantou-se do banco em que estavam e começou a caminhar na frente.

A cada passo que ela dava, Felipe admirava a sua beleza. Tudo parecia estar em câmera lenta... o vento da beira-mar tocava no cabelo de Isabela, mas era Felipe quem desejava o estar tocando. O sol da manhã a deixava ainda mais linda do que já era e isso para ele era um martírio, pois a sua missão era matá-la.

- Ela te odeia, Felipe! Ela quer tirar você de nós e te deixar sem nenhum poder! Você precisa matá-la e também toda a sua família!! – Diziam os demônios a ele.

O ódio voltou ao seu coração e ele ficou enfurecido. Quase não podia controlar-se em meio aos pedestres. Num ato incontido, decidiu sair correndo dali, na direção oposta à Isabela, para não matá-la ali mesmo na rua.

Isabela olhou para trás e não viu mais ao Felipe. "Será que ele ficou bravo comigo? Estou sendo injusta com ele, julgando-o sem provas". Concluiu ela, seguindo o caminho para a próxima casa em que ela visitaria naquela manhã.

Felipe chegou em casa e foi direto ao seu quarto. Trancou a porta e começou a recitar as suas orações satânicas. Os demônios não podiam entrar naquela casa por causa dos anjos que a guardavam, então ali dentro ele estava sozinho, lutando sozinho.

Ele recitava as orações cada vez mais forte e mais compenetrado. O suor escorria em sua testa e ele maneava o corpo para frente e para trás, repetidas vezes. Num ato de concentração, cravava a unha do seu dedo indicador na raiz da unha do polegar, sentindo assim uma dor aguda que o trazia à sua meditação contemplativa.

Dentro daquela casa ele teria que agir sozinho. Os demônios não entravam lá. Era uma regra espiritual que ele havia aprendido: na casa dos "crentes", demônios não poderiam entrar. Felipe nunca havia entendido o porque desta regra, pois se os satanistas eram realmente os mais poderosos, porque nestas casas os demônios não poderiam entrar?

Quando este pensamento surgia em sua mente, ele cravava novamente a unha na raiz da unha do dedo polegar, sentindo a dor aguda e trazendo-o de volta ao propósito da meditação: as orações satânicas que o estava fortalecendo.

De repente, uma idéia: "Vou vasculhar o quarto da Isabela. Devo encontrar algo lá". Ele levantou-se e foi sorrateiramente até o quarto. A mãe de Isabela estava na cozinha, preparando o almoço junto com a empregada da casa. O pai havia saído. Ele estava só no andar superior da casa, seria fácil.

Felipe entrou e fechou a porta após si, e ficou por uns segundos observando o quarto dela. Novamente uma lembrança boa sobre ela veio em sua mente. Tudo dela era bonito. Ele cravou novamente a unha em si mesmo e centrou-se em sua missão. Vasculhou algumas gavetas, armário, caixas e nada. Sentou-se na cama para pensar um pouco e o movimento do colchão revelou algo sob o travesseiro. Ele tomou em suas mãos. Era um pequeno diário que ela escrevia suas memórias.

Abriu na página marcada: hoje! Felipe leu.

"*Querido diário, tenho algo para lhe contar hoje que está acabando comigo. Nunca esperava me apaixonar por alguém! Minha vida estava toda bem programada... tudo certo... Eu iria fazer uma faculdade, depois um curso de missões. Iria para algum país necessitado de missionários e serviria ao Senhor naquele lugar. Quando retornasse, conheceria um bom homem de Deus e me casaria. Teríamos uma família!! Mas de repente tudo mudou dentro de mim... Estou apaixonada por um jovem que está na minha casa. O seu nome é Felipe. Ele tem algo em si que me atrai, e ao mesmo tempo me incomoda. Um ar de mistério... Seus olhos se escondem dos meus quando lhe falo de mim mesma, e os meus fogem dos dele, quando ele fala de mim também!* – Nos olhos de Felipe, começaram a brotar algumas lágrimas. Ele sentiu algo diferente ao ler aquilo. Será que ele estava enfraquecendo?

Passou a ler o restante:

"*...algo que está açoitando a minha alma. Existe um assassino a solta na cidade, matando mulheres. A imprensa o tem chamado de FERA, porque ele deixa estas inscrições em suas vítimas. O nome do Felipe é Felipe Rangel, FERA também... e é o seu apelido. Tenho medo que seja ele!! Todo o ar de mistério que o envolve me assusta, mas ao mesmo tempo me atrai! Penso que se realmente for ele, poderei ganhá-lo para Jesus! Mas também pode ser apenas uma severa coincidência... ou um delírio de uma adolescente como eu. Não sei o que fazer... Acho que vou contar aos meus pais, assim eles saberão o que fazer por mim. Creio que é o melhor a fazer! Mesmo que seja a paixão da minha vida, sacrificarei a mim mesma para proteger minha família e a minha vida*".

"Sacrificarei???" – Pensou ele alterando os seus sentimentos. "Quem ela pensa que é para sacrificar-se por alguém? Quer seguir o exemplo do Jesus

deles?" Felipe tinha se transformado novamente. O seu interior era uma tormenta de sentimentos que ele não conseguia mais dominar. Em alguns momentos sentia algo bom por Isabela, porém em outros, ódio mortal.

Felipe voltou para o seu quarto e, desnorteado, sentou-se na cama e cobriu seu rosto com as mãos.

- O único jeito é matá-la, Felipe. – Disse uma voz sinistra, vinda de um canto do quarto.

- Quem é você e como entrou aqui? – Perguntou assustado o mineiro.

- Sou Legban, um dos guardiões da Tradição.

- Você é humano ou demônio?

- Sou um demônio, mas tenho propriedade humana também. Por isso consegui entrar aqui.

- Como assim? O que é "propriedade humana"? – Indagou Felipe.

- O ser humano tem uma das maiores armas existente na natureza: a palavra. Esta arma é capaz de deixar o efeito natural do mundo físico e adentrar no reino invisível, espiritual. Cada palavra que uma pessoa ordena no mundo físico gera uma reação no mundo espiritual. Eu sou fruto de uma destas reações. – Explicou o demônio.

- Ainda não entendi... – Disse Felipe confuso.

- Cada vez que uma pessoa libera uma palavra boa, ela gera uma ação no mundo físico e, conseqüentemente, uma reação no mundo espiritual. Esta reação se chama "propriedade humana". Semelhantemente, todas as vezes que os seres humanos liberam palavras de maldição, geram uma ação física mas uma reação espiritual e um conjunto destas reações me permitem agir. Tenho direito legal de entrar em casas, vidas, casamentos... porque me deram a legalidade para isso. Cada vez que um casal libera uma palavra de maldição contra o seu cônjuge, me torna mais forte e imbatível!

- Você está me dizendo que o Antonio e a Vera tem um casamento de fachada? Que na frente da filha e dos outros eles são uma coisa mas que eles não se dão bem de verdade? – Perguntou atônito Felipe.

- Isso mesmo! Por isso estou aqui. Tenho direito de entrar na casa deles e é por isso que você também está aqui dentro. – Continuou Legban. – E é por isso que você precisa matar Isabela o quanto antes!

Legban era um demônio com forma humana. Poderia ser facilmente confundido com uma pessoa qualquer, exceto por seus profundos olhos negros, que chamuscavam de ódio quando falava.

- Mas como farei isso? Nunca matei ninguém!! Como vou assassinar a Isabela sem que ninguém perceba ou desconfie de mim?

- Fique tranqüilo, porque vou preparar tudo e te indico o que deve fazer. Preciso apenas que você a mate o quanto antes. O melhor seria hoje a noite, pois assim não daria tempo de ela contar ao pai sobre você. – Disse o demônio.

- Sim! Aproveitaremos a onda de assassinatos na cidade. Ela será apenas mais uma vítima de um *serial killer*. – Bradou Felipe, feliz!

- Vá bolar uma maneira de trazê-la até o local de sacrifício, que o restante eu arrumarei. – Disse Legban, desaparecendo em meio a escuridão de um canto do quarto, ao lado do roupeiro.

CAPÍTULO DOZE

ORKUT

- Boa tarde, senhora. Meu nome é Robert e eu sou o detetive responsável pelas investigações sobre o serial killer que está assassinando as garotas, do qual sua filha foi vítima. Meus sentimentos pela sua filha.

- Obrigada, detetive. Por favor, entre. Estamos todos ainda muito abalados com a morte da nossa pequena Tânia. Queremos que a polícia resolva logo isso e prenda o bandido que tem causado tanta dor às famílias.

- Pode deixar. Eu tenho algumas perguntas a lhe fazer. Espero que não se importe em responder. – Disse o detetive, sentando-se na ponta do sofá, na sala. – Sua filha tinha contato com algum homem com idade acima de 40 anos?

- Não que eu saiba. Ninguém além dos seus tios. – Respondeu a mãe, com o semblante bastante abatido.

- Ok. Sua filha recebeu alguma correspondência ultimamente que normalmente não recebia? Algum convite ou algo assim?

- Não que eu saiba. Realmente, estes adolescentes de hoje em dia ficam o tempo todo entocados no quarto, no computador. Quase não vemos eles por aí. Tânia ficava o tempo todo no seu quarto.

- Entendo. A senhora deixaria que eu desse uma olhada no quarto da sua filha?

- Claro, detetive. Fique a vontade. – Autorizou a mãe.

Robert notou que era um quarto comum de uma adolescente comum. Pôsteres de artistas pop, de bandas e um computador. A cama bem arrumada e os sapatos e tênis organizados em um lado do quarto. O detetive ligou o computador e verificou o histórico da internet. Percebeu que ela entrava muito no site de relacionamentos ORKUT.

- A senhora, por acaso, não tem a senha da sua filha do Orkut?

- Não. Nem sei como mexer nesses negócios de hoje em dia. – Disse a mãe.

- Eu sei qual é! – Disse um garotinho que estava entrando no quarto e pegando a conversa pela metade.

- Este é o meu outro filho, Fernando. – Apresentou-o a mãe.

Fernando era um menino de 12 anos de idade, gorduchinho e sardento. Típica imagem de um menino arteiro, com a camiseta curta, suja na barriga, um arranhão no joelho e para completar, um bonezinho virado com a aba para trás.

- Você sabe a senha, filho? – Perguntou Robert.

- Sei sim. Minha irmã bobeou e eu copiei um dia. Deixa eu digitar aqui.

Ele digitou o login e a senha. Pronto! Robert tinha agora acesso ao orkut de Tânia. O detetive sentou-se a frente do computador e começou a vasculhar os recados que ela recebia. Um deles lhe chamou a atenção: vinha de um homem denominado como "Anjo7" e estava confirmando um encontro com ela, no dia do assassinato.

Rapidamente o detetive abriu o orkut do "Anjo7" e percebeu que a única foto que tinha era de um crucifixo sob uma camisa preta, e que os contatos eram todos mulheres.

- Interessante! – Balbuciou Robert. – Preciso levar o computador, para análise, ok? Assim que tivermos concluído, eu trarei novamente para a senhora.

- Tudo bem, pode levar. – Consentiu a mãe de Tânia.

***

Ao chegar na delegacia com o computador, Robert contou a Pereira tudo o que tinha descoberto. Decidiram ligar então para Marcos, que estava em São Paulo e chamá-lo para o caso, pois ele poderia desvendar tudo o que fosse relativo à computadores e internet. A equipe estaria completa!

Na manhã seguinte, Marcos chegou com seu eterno sorriso nos lábios. Seu curso universitário estava concluído e agora tinha uma empresa de tecnologia para monitoramento e tecnologia de investigação. Herança vinda das aventuras com seus amigos Robert e Pereira.

- E aí amigo? Que bom revê-lo com saúde! – Saudou calorosamente o detetive.

- E aí Sherlock? Como estão as coisas? Eu sabia que vocês não viveriam sem mim... – rebateu o garoto, enquanto abraçava os dois amigos ao mesmo tempo, quase sufocando o baixinho Pereira.

Marcos era um velho amigo da dupla. Garoto novo, recém formado em tecnologia de informação, era um apaixonado por aventuras policiais. Assim como Robert, ele era apaixonado pelos livros de Arthur Conan Doyle, autor

britânico do famoso detetive investigativo Sherlock Homes. No último grande caso que Robert resolveu, em São Paulo, quando capturou a organização dos Adoradores de Címerio, Marcos foi peça fundamental para o sucesso do caso. Com seus computadores, câmeras de segurança interligadas através da internet, pôde manter a segurança de seu amigo e localizar os criminosos.

O dia estava começando bem. Robert e Pereira estavam posicionados atrás de Marcos que, sentado em frente ao computador recém confiscado, vasculhava cada "canto" do HD em busca de pistas que pudessem levá-los ao assassino.

- Vejam isso: ela teve um contato por messenger com o "Anjo7". – Disse Marcos.

- E você consegue saber o que falaram? – Perguntou o afoito Pereira, sempre desinformado em relação à tecnologia de comunicação.

- Cara... eu consigo saber até o que ele pensou, se você me der uns dias para trabalhar, mas é claro que consigo ver os textos... humm. Estão codificados, mas eu consigo quebrar o código. Ah, vejam, todo o diálogo:

Na tela do computador apareceram frases digitadas por Tânia e por Anjo7. Algumas delas eram bem comprometedoras.

"Você realmente acha que eu serei uma atriz?", perguntava a menina ao assassino. "Claro! Tenho visto suas fotos. Você tem os padrões que estamos procurando", era a resposta dele.

- Ele a enganou dizendo ser um agente da TV. – Concluiu Marcos.

- Aquele assassino! – Esbravejou Pereira. – Mas qual o objetivo??

- Olha, eu ainda não sei... mas o que vocês acham de mandarmos um email para ele? Já que temos o orkut e o messenger dele, poderemos mandar uma mensagem e depois rastrear o IP do computador de onde ele acessar. Assim, com o IP, poderemos saber exatamente de onde ele tem acessado. Como o Robert me disse achar que o assassino não é aqui do Rio, provavelmente ele estará acessando do hotel onde está ou de uma *lan house*. – Disse Marcos.

- Excelente idéia, Marcos! – Felicitou-o Robert. – Tem como você mandar a mensagem se passando por outra pessoa, para que ele não saiba que somos nós?

- É... isso é fácil. Primeiro preciso descolar umas senhas dessas garotas aqui que estão no orkut dele, e eu mando pelo perfil de uma delas. O que acha?

- OK. Depois verificamos onde ele está e prendemos o patife! – Concluiu o detetive.

- Bom, isso vai levar um pouco de tempo, mas eu consigo. Caso queiram ir à algum lugar, posso ir fazendo isso do meu laptop, sem problemas.

- Tudo bem, Marcos. Então vamos que temos que interrogar uns sustpeitos. – Disse Pereira. – Mandei a polícia recolher algumas pessoas da região central da cidade que estavam hospedados em hotéis próximos à livrarias, e que usavam crucifixos no peito, e que tivessem mais de quarenta anos. Vamos ver se descobrimos alguma coisa. – Concluiu.

CAPÍTULO TREZE

Orações, súplicas, invocações...

"Senhor Deus, Pai de toda a eternidade, estou aqui para louvá-lo. Não importa, ó Deus, as minhas dificuldades, e também não importa, Senhor, a urgência deste caso que estou decifrando... Só quero estar na Tua presença. Me permita sorrir para Ti, Senhor... me permita derramar algumas lágrimas na Tua presença... quero me apresentar puro perante Ti, meu Senhor e Rei. Todas as minhas dificuldades, todo o meu trabalho, todo o meu viver, tudo não passa de circunstâncias. Estar Contigo sim é vital e essencial! Não posso me afastar de Ti Senhor, nem um segundo. Não permita, ó Senhor, que eu me perca em meio aos meus pensamentos... coloca em mim os Seus Pensamentos! Não deixe, ó Deus, que eu me afaste da comunhão Contigo, por razão do meu trabalho. Para mim é importante Tê-lo neste caso, em todos os casos, em toda a minha vida. Senhor e Rei, todo o meu ser Te adora, cada célula do meu corpo geme por Tua presença. Como o rei Davi alegrou-se em ter a Arca da Aliança novamente em Jerusalém, assim me alegro por tê-lo comigo aqui. Te amo, Jesus, mais que a mim mesmo. Preciso do Espírito Santo junto comigo, me cercando com os anjos, para que eu possa realizar a missão que o Senhor tem me dado. Cuida da minha família, guarda minha filha Sara, minha esposa Suzan. Cuida do Pereira, do Marcos... da minha vida. Eu não sei quem é a pessoa que estou enfrentando, mas Te conheço e sei que o Senhor estará me livrando de todo o laço maligno. Fica comigo, Senhor, em Nome de Jesus". – Orou Robert, ajoelhado no banheiro da delegacia.

***

"Meu Jesus, te amo tanto Senhor! Estou aflita de espírito e angustiada em meu coração, pois meu esposo está lá no Rio de Janeiro e, mais uma vez, enfrentando criminosos perigosos. Eu intercedo por ele, Senhor, para que nenhum mal venha sobre ele. Torna-o invisível aos olhos do maligno. Não permita que os seus pés vacilem ou resvalem nem para a direita e nem para a esquerda. Traga-o novamente para o nosso lar, com saúde e com mais uma vitória, glorificando o Seu Nome, Jesus. É no Teu Nome que eu oro, amém!" – Orou Suzan, na sala de sua casa, ajoelhada, com a sua Bíblia aberta, na passagem de 2 Crônicas 20:27, que diz: "*Então, voltaram todos os homens de Judá e de Jerusalém, e Josafá, à frente deles, e tornaram para Jerusalém com alegria, porque o SENHOR os alegrara com a vitória sobre seus inimigos*".

***

"Meu mestre, senhor e rei, me apresento a ti mais uma vez, para dizer que tu és o soberano do universo! Não existe deus maior que tu. Tens dado força ao teu povo, para que possamos destruir os fracos. Declaro que sou teu servo, seguidor e discípulo, e estou pronto para executar as suas ordenanças. Não deixes que eu caia nas mãos daqueles que nos odeiam. Seja o ódio deles sobre eles mesmos. Preserva-me de qualquer cilada e dá-me poder sobre os elementos. Poder sobre o fogo, sobre a água, sobre o ar, sobre a terra e sobre o héter. Permita-me concluir meu chamado ainda hoje. Dá-me forças para matar a Isabela, em sacrifício e honra a ti. Pela Tradição eterna da magia". – Concluiu Felipe a sua oração ao levantar da cama, naquela manhã, a qual estava destinada para ser o dia do sacrifício de Isabela. Ele estava nervoso, mas sabia que era necessário: ela teria que morrer!

CAPÍTULO QUATORZE

Mais que suspeitos

- Conseguimos trazer para depoimento apenas cinco homens, senhor. Seguimos à risca as suas orientações e cremos que esses aqui poderão nos fornecer alguma informação. – Disse o policial à Pereira, assim que ele, acompanhado de Marcos, entrava na sala de interrogatórios na delegacia de polícia civil, no Rio de Janeiro.

Robert havia ido ao banheiro.

- Muito bem, traga o primeiro. – Disse friamente ao policial.

Entrou um senhor de aproximadamente uns cinqüenta anos de idade. Seu nome era Agenor. Ele era vendedor de material para papelarias. Tinha um carro sedan, mas de cor prata. O próximo à ser interrogado era professor universitário. Seu nome era Ismael e tinha quarenta e seis anos. Estava no Rio de férias. Segundo as informações colhidas sobre ele junto à universidade em que ele dava aulas, era verdade. O terceiro tinha quarenta e três anos de idade e era representante comercial de uma empresa de cosméticos. Veio ao Rio de avião, para uma conferência. O quarto homem tinha mais de sessenta anos de idade. Seu nome era Ignácio e estava aposentado, passando férias na casa da filha. O quinto suspeito interrogado era um vendedor de enciclopédias, de cinqüenta anos. Tinha um carro sedan, mas havia chegado à cidade no dia anterior.

Nenhum dos suspeitos tinha algo que pudesse o incriminar. Robert precisava pensar e pediu licença aos amigos, pois queria jejuar naquela tarde. Marcos e Pereira foram até um restaurante próximo ao Departamento de Polícia. Enquanto comiam, em meio aos pratos, pensamentos entravam em conflito.

- Vendedor, professor, representante comercial, aposentado e vendedor de enciclopédias... eu nem sabia mais que vendiam enciclopédias! Todos aparentemente estão limpos. Todos tinham um álibi. – Disse Pereira para Marcos, que esteve com ele durante todos os interrogatórios.

- Pois é... o negócio é apostarmos nas mensagens que vou mandar para o assassino. – Respondeu Marcos, sempre com seu laptop aberto: - Já consegui uma senha. O que você quer que eu escreva para ele?

- Bom, levando em conta que esta garota já está cadastrada no perfil do assassino, então eles já devem ter se comunicado. Tem como você saber o que eles falaram antes? – Perguntou o policial.

- Não, porque eles apagam os recados quando lêem. Podemos mandar um recado do tipo: "*Então, tudo certo para o nosso encontro?*", aí saberemos se ele tem algo marcado com ela ou não.

- Ok! Faça isso então. Qualquer coisa, chame-o no messenger para conversar. Vamos "sentir" como ele é.

***

"*Desculpe, mas não tenho nada marcado com você*", foi a resposta que apareceu no computador, após a mensagem enviada por Marcos.

- Chame-o para conversar, Marcos! – Quase gritou Pereira, de entusiasmo.

"*Vamos conversar pelo messenger*", escreveu ele.

"*ok*" foi a resposta.

Em segundos a janelinha do programa piscou, aparecendo o nome "Anjo7" na tela.

- É ele! – Gritaram os dois, ao mesmo tempo, unissonamente.

- Escreve algo aí, menino. – Disse Pereira, quase subindo nas costas de Marcos.

- Ok, mas calma aí, irmão. – reclamou o ex-hacker.

"*Olá... quanto tempo. Quero me encontrar com você*", escreveu Marcos.

"*Olá! E porque você iria querer se encontrar comigo?*" respondeu.

"*Para a gente se ver*", foi a resposta.

"*Não tem como eu te ver*", disse o assassino.

"*Ué, e porque não?*", colocou Marcos.

"*Porque você está morta*", escreveu o Anjo7.

"*Como assim?*" Escreveu Marcos.

"*Eu acabei de te matar. Você está pendurada no quintal de um terreno*". Concluiu.

Pereira e Marcos se entreolham atônitos.

- Como assim? – Perguntou Pereira.

- Cara... você pode não acreditar, mas acho que quebrei a senha justamente da menina que ele acabou de matar. – Respondeu ele.

"*Deixa eu adivinhar...*", escreveu o assassino. "*Devem estar os três amigos aí sentados, se passando por uma jovem indefesa. Que feio senhores!*"

- Ele pensa que o Robert está aqui conosco. – Disse Marcos. – Vamos fazer de conta que ele está.

"*O que você quer?*", perguntou Marcos.

"*Quero cumprir a minha missão aqui na Terra, senhor Robert.*"

"*Que missão é essa?*", insistiu o menino, se passando pelo detetive.

"*Perdoe-me por ser um tanto eufemista, mas minha missão é limpar a Terra*".

"*Porque você está matando essas jovens e porque você acha que estamos duelando?*", escreveu.

"*Robert, se você insiste em chamar de morte o que eu tenho feito, tudo bem. Mas a primaz verdade é que essas imundícias precisam ser eliminadas e como você e seus amigos Pereira e Marcos sabem, estou realizando minha missão com méritos. Sinceramente eu pensava que você era mais inteligente, quando eu acompanhava os noticiários falando de seus feitos extraordinários. Confesso que havia me tornado uma espécie de fã seu, mas que lhe conhecendo de fato, acabei desencantando*".

"*Me fale um pouco sobre você*" – Perguntou o ex-hacker.

"*Eu sou um vingador*", foi a resposta.

"*Vingador de quê, ou quem?*"

"*Venho vingar a minha honra, que um dia foi roubada*".

"*Você conhecia as garotas mortas?*"

"*Sim, escolhi-as a dedo. Sandra, Analice, Tânia e agora a Andréa. Ah... a última você ainda nem sabe, não é mesmo?! Pois bem, matei-a agora pouco. Ela está um pouco presa neste momento... E hoje a noite ainda matarei mais uma. Como você está longe de me encontrar, vou te dizer quem é: Nádia. Bom trabalho*", finalizou o diálogo virtual e desligou seu messenger, aparecendo *offline* para o computador portátil de Marcos.

- Rapaz! Que coisa ein! Esse cara é muito mais inteligente que pensamos. – Disse Marcos.

- Vamos ligar para o Robert! Ele precisa vir aqui imediatamente. Deixe gravada esta conversa para mostrarmos à ele. – Ordenou Pereira, enquanto ligava para o celular do detetive.

- Robert! Falamos com o assassino. Ele pensou que era você no computador e deixamos ele pensar. Agi certo? Ótimo. Você vem logo? Ok, aguardaremos então no DP. – Concluiu o policial, virando-se para Marcos: - Ele

disse que Deus está abrindo os céus. Acho que isso é um bom sinal. Vamos para o departamento e esperamos por ele lá.

***

Horas mais tarde, na delegacia, Robert lê atentamente o histórico da conversa virtual que Pereira e Marcos tiveram com o assassino, Anjo7.

- Sabe, tenho duas deduções. – Falou ele. – A primeira é que o *serial killer* está seguindo uma seqüência de letras para encontrar os nomes das garotas que vai matar. Veja, a primeira é Sandra, a segunda Analice, a terceira Tânia e a quarta, que ainda temos que encontrar, Andréa. Ele mencionou que a quinta garota se chama Nádia. Vejam as primeiras letras de cada nome: S A T A N. Como ele disse na carta que mandou para mim que matará sete garotas, então está seguindo a palavra SATANÁS, para matá-las. As duas próximas, além da tal Nádia, terão seus nomes iniciando com a letra A e a letra S, subsequentemente. A minha segunda dedução é que ele é um dos cinco homens que interrogamos hoje.

- Impossível. – Rebateu Pereira. – Todos tinham álibis.

- Entendo, mas o único lugar em que estivemos os três juntos era lá na delegacia. E além do mais, acho que são quatro pessoas, e que, provavelmente, um deles trabalha aqui dentro, pois em todas as mortes, os corpos foram deixados em locais onde a polícia não estava. Os assassinos sabem exatamente onde a polícia está. Você fotografou e gravou todos eles, certo? Pois bem, quero dar uma olhada novamente neles. – Decidiu o detetive.

A caminho da sala de interrogatórios da delegacia de polícia, Robert pediu à Marcos que desse uma vasculhada na internet, nos sites onde o Anjo7 freqüentava, para encontrar alguma garota chamada Nádia.

- É muito pouco provável que tenha aí alguém com este nome, pois seria muito simples para nós, mas não custa nada. – Comentou Marcos, enquanto chegavam na sala e ele abria o seu laptop para acessar a internet.

- Mudança de planos, pessoal. – Disse Pereira, que havia ficado para trás, atendendo ao telefone. – Encontraram uma garota morta, pendurada pelo pé em uma casa abandonada, na região central. O detalhe é que ela foi sangrada, como um animal. Cortaram a jugular dela e penduraram-na pelo pé.

- Alguma semelhança com os crimes do F.E.R.A.? – Perguntou Robert.

- Sim, o policial que atendeu a ocorrência disse estar escrito FERA no chão, nas paredes e no teto. Ele me disse que parece uma cena de filme de terror.

- Vamos lá então. Aposto com vocês que esta é a Andréa, que ele se referiu. – Disse Marcos, fechando o computador e levantando-se imediatamente.

O local estava infestado de moscas. Era um velho casarão abandonado, habitado por moradores de rua e viciados em crack. Por ser de dia, a casa estava vazia, facilitando para o assassino. No centro da sala principal, estava a jovem, despida, com o corpo dilacerado, a pele rasgada em tiras. Em baixo uma poça de sangue, já em coagulação. No chão, nas paredes e no teto repetiam-se várias vezes a palavra FERA.

- Caracas... – Exclamou Marcos. – Ele deve ter tido um trabalhão para escrever tudo isso sozinho!

- Não fez isso sozinho, Marcos. – Respondeu o amigo detetive, com um tom frio e calmo na voz. - Foram quatro pessoas. Perceba aqui nesta palavra que as letras F.E.R.A são diferentes destas outras aqui no chão.

De repente Pereira dá um grito:

- Rob! Venha aqui correndo!

Robert e Marcos foram correndo até a cozinha, de onde veio o grito do amigo. Lá estava escrito com sangue, na parede de azulejos suja e envelhecida com o tempo, os nomes Amanda e Suzan.

- Ei Robert, me diga que não é a "tua" Suzan, cara. – Temeu Marcos.

- Não sei, Marcos. – Disse Robert profundamente concentrado. – Mas prometo que vou descobrir. Vamos voltar para a delegacia urgente. Preciso ver aqueles arquivos. Como ele trabalha metodicamente, precisamos descobrir qual deles é o assassino e, primeiro, encontrar quem é a garota chamada Nádia. Vamos tentar salvar-lhe a vida.

Antes de embarcarem, Robert foi até o quintal da casa e fez algumas ligações de seu celular.

- Estava ligando para quem, irmão? – Perguntou Pereira.

- Para casa. Precisava falar com Suzan, para deixá-la tranqüila e também pedi para ela não atender a porta. – Respondeu, entrando no carro.

Chegando novamente à delegacia, os três foram finalmente até a sala de interrogatórios, para analisar as fotos tiradas pela polícia. O detetive olhava analiticamente cada uma delas, buscando alguma pista. Robert atentou-se à foto de Ismael, o professor universitário. Em um momento, ele expressou espanto e ao mesmo tempo deu um sorriso.

- Te peguei. – Disse ele.

- O que foi? – Indagou Pereira assustado.

- É ele, Pereira. Este aqui é o assassino!

- Como você sabe? – Perguntou Marcos, mais confuso do que o normal.

- Quando eu vi este homem aqui, alguma coisa me dizia que eu já o conhecia. Ele evitava me olhar fixamente nos olhos e percebi também que ele estava forçando um sotaque qualquer. O nome Ismael não é tão comum, então me esforcei em lembrar de alguém. Na faculdade, Suzan e eu tínhamos um professor de literatura que se chamava Ismael. Liguei para ela, que confirmou, dizendo que o tal professor várias vezes lhe mandava poemas e cartas de amor, declarando-se apaixonado. Felizmente eu me casei com Suzan e ele provavelmente nutriu um amor platônico por ela, e isso deve ter sido um fator para ele resolver matá-la também.

- Você tem certeza, amigo? Isso é um indício para que possamos pedir uma prisão preventiva. – Alertou Pereira.

- Vamos comprovar primeiro, ok? Marcos, dê um jeito aí de acessar o site da universidade que eu estudei e procure alguma foto antiga deste professor de literatura. Assim poderemos comprovar se é a mesma pessoa.

- Pode deixar, chefe. É pra já!

- E as outras pessoas envolvidas? – Perguntou o policial à Robert.

- Provavelmente são satanistas que, iludidos pelas formas com que ele faz os rituais, seguindo um acróstico da palavra SATANÁS, estão sendo seus seguidores. Muito provavelmente ele tentará matá-los também no final.

- Consegui! – Grita Marcos, feliz da vida. – Aqui está o Professor Ismael.

A foto aparece na tela e todos os três gelam. Realmente era ele! Havia tirado a farta barba e estava mais velho e bronzeado, por isso Robert não havia

o reconhecido imediatamente. Estiveram com ele dentro da delegacia e o deixaram ir. Pereira levantou-se rapidamente e foi até sua sala, para pedir um mandato de prisão. Robert falou com Marcos que continuasse tentando localizar a próxima vítima, pois isso era importante naquele momento. Logo estariam indo até o hotel para efetuar a prisão de Ismael, mas ainda restariam os demais cúmplices.

CAPÍTULO QUINZE

Preparando o terreno

Felipe saiu de casa, dizendo que ia evangelizar. Na verdade ele foi até um casarão no centro da cidade, próximo ao mar, arrumar o local para um ritual satânico que teria logo mais a noite. Aquele seria o dia de Isabela morrer. Não tinha mais volta.

Dentro do casarão, a iluminação era deficiente. O único bocal com uma lâmpada era ineficiente para iluminar a imensa sala principal. Ali havia uma mesa de madeira rústica, bem no meio. Também existiam castiçais que só deveriam ser acessos a noite, quando a eletricidade seria proibida durante o ritual. Eles acreditavam que nada que não fizesse parte dos elementos naturais deveria estar ali, na hora do sacrifício.

Por mais que os demônios tivessem colocado ódio dentro dele, quando Felipe pensava em Isabela, seu corpo gelava. Um demônio insistia em dizer a ele que era nervosismo, mas não era. O que ele sentia era mais forte e real do que um nervosismo qualquer. Legban havia dito que Antonio e Vera viviam um casamento de aparências, e Felipe condoeu-se por Isabela. Ela presava tanto a sua família. Via nos pais o exemplo de uma vida conjugal.

- Todos sempre se enganam. – Balbuciou ele, enquanto varria o chão da sala.

Um demônio apareceu à ele, vindo das sombras. Felipe somente olhou e continuou varrendo.

- Não tem medo de mim? – Perguntou o demônio.

- Deveria? – Foi a resposta do menino.

- Sim. Eu sou Loc, demônio da morte ritualística. Esta que você matará hoje, será entregue à mim.

- Que ótimo. Não me importo para quem ela seja entregue, desde que esteja morta antes que o dia termine. – Respondeu indiferente, Felipe.

- Admiro a sua coragem, jovem. Já vi muitos não suportarem a morte de alguém. Mas posso daqui ouvir o seu coração e ele está batendo mais acelerado do que o normal. Você não quer matá-la realmente, quer?

- Escuta aqui, Loc. Não tenho medo de você. Tenho demônios muito mais fortes que você comigo, então é melhor você dar o fora daqui antes que eu os invoque. – Esbravejou Felipe.

- Bravo! Bravo! – Aplaudiu o demônio, que andou alguns passos em direção ao garoto, revelando a sua face hedionda e seus olhos pérfidos. – Mas eu moro aqui, portanto eu mando neste lugar!

Disse isso, fazendo um gesto com sua retorcida mão direita, lançando Felipe pelo ar, de encontro a parede, atordoando-o.

- Menino! Eu quero uma morte nesta sala hoje à noite! Ou será a sua namoradinha, ou será você! – Disse isso e desapareceu em um redemoinho de poeira e uma fumaça cinzenta.

Felipe sentiu medo e saiu do casarão.

***

Em casa, Isabela resolveu não contar nada sobre Felipe ao seu pai ou ao pastor da Igreja. Ela decidiu declarar à ele o seu amor e ganhar o dele, se preciso fosse.

Felipe chegou assustado, em casa.

- O que foi, Fê. – Perguntou ela. – Parece que viu um fantasma!

- Não foi nada, Bela. Não foi nada. Vou tomar um banho e já desço.

Enquanto o garoto subiu para o seu quarto, Isabela ficou na sala ensaiando como falaria com ele sobre os seus sentimentos. Aqueles minutos pareciam dias! "Como ele demora no banho!", "parece que nunca mais vai sair do banheiro", eram alguns pensamentos que passavam pela mente de Isabela.

Ela estava decidida em se declarar para Felipe. Não adiantava mais ficar guardando para si aquele sentimento, pois isso já estava lhe fazendo mal.

- Estou começando a pensar coisas – resmungou ela, enquanto olhava para suas unhas, roídas pelo nervosismo. – O Fê um satanista. Ele é um menino de Deus!

Isabela ouviu a porta do quarto dele se abrindo e sentou-se direito no sofá. Felipe começou a descer as escadas e ela mudou a posição em que estava sentada, colocando agora as pernas por baixo, sentando sobre elas. Felipe chegou na sala e Isabela estava em pé. Nenhuma posição que ela tentasse ficar era confortável. Tudo era desconfortável naquela situação, afinal de contas, ela nunca tinha se declarado para ninguém em sua vida.

- Felipe, senta aqui. Preciso falar com você.

- Claro, o que foi Bela? – Respondeu afetuosamente.

- Está tudo bem com você? – Disse ela para disfarçar.

- Sim, está. E com você? – Retrucou com um sorriso.

- Está sim... obrigada. Tá tudo bem sim...

- Você quer me falar algo? – Insistiu o menino.

- Ah, sim. Claro. – Sorriu nervosamente ela. – Afinal de contas, fui eu quem te chamou aqui né, então significa que eu quero te falar algo mesmo...

Isabela não sabia como começar o assunto. Nada era mais difícil do que falar dos próprios sentimentos para a pessoa em que, justamente era o alvo dos sentimentos.

- Bela, pode me falar. Estou aqui para te ouvir.

- Tá. Felipe Rangel... – Engasgou ela, mas olhou no fundo dos olhos dele. – Estou apaixonada por você.

- O que? – Assutou-se ele.

- É... eu sei que ainda é cedo dizer isso, mas é que não consigo parar de pensar em você e... ai, tem razão. Acho que é coisa da minha cabeça. Me desculpe! – Disse Isabela, corando o rosto e se levantando rapidamente.

- Espere Bela! – Gritou Felipe, antes que ela subisse as escadas como um raio e se trancasse no quarto. – Droga! Porque ela foi dizer isso logo agora!! – Resmungou baixinho ele.

Inevitavelmente Felipe pensou em Loc, o demônio, e sentiu um medo diferente. Isabela amava ele... e ele também a amava. Não podia nem pensar nisso, pois os demônios poderiam açoitá-lo por isso. Pensou em chamar Legban, mas ele não era de confiança. Não dava para confiar em um demônio. Sentiu-se sozinho, sem ninguém para conversar. Alguma coisa dizia para ele conversar com o pastor. Por mais que ele fosse inimigo, mas era um homem mais experiente e saberia lhe dar um conselho.

Felipe ligou para ele:

- Pastor! Olá, aqui é o Felipe.

- Oi meu filho. No que posso ajudar?

- Pastor, estou precisando conversar um pouco. O senhor pode me atender? Que horas? Pode ser agora? Sim?! Ótimo! Estou indo aí. Até mais.

Felipe desligou o telefone e foi até a igreja, que era próxima a casa de Isabela. Mal sabia ele o que estava fazendo. Legban o espiou pela janela do quarto de Antonio e Vera. Seus olhos chamuscaram de raiva.

Chegando na igreja, Felipe entrou no gabinete pastoral. Ele estava tremendo, pois não sabia o porque estava ali. Era algo mais forte do que ele...

- Diga Felipe, o que o aflige? – Perguntou amavelmente o pastor.

- Eu estava hoje aconselhando uma família e me deparei com uma situação que eu nunca havia pensado: problemas de relacionamento. Me senti incapaz de aconselhá-los pois eu não tenho experiência nesta área. – Disse ele.

- Sabe, Felipe. Nem sempre necessitamos passar por algo para saber se é bom ou ruim, certo ou errado. Sobre o que era a dúvida?

- Uma garota estava apaixonada por um menino. Aparentemente o menino também estava sentindo algo por ela, mas ele estava muito confuso com tudo. Ele tem um trabalho para realizar e que este trabalho tornaria impossível a união dos dois. A dúvida foi realmente esta. O que eu digo à ele?

- Diga a ele que o amor nunca falha! – Falou o pastor, enquanto abria a sua Bíblia no livro de primeira Coríntios, capítulo treze e verso oito. – Olhe aqui: "*O amor nunca falha; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor*".

- O que quer dizer isto? – Perguntou confuso o jovem.

- Significa que vale a pena lutar por amor, abandonar as coisas do mundo por amor, sacrificar por amor. Entenda... vale a pena até morrer por amor.

- Entendo... – Balbuciou Felipe.

- Você deve ter feito muitas coisas ruins em sua vida. Coisas que desagradaram a Deus, mas o Senhor o perdoou de todas elas. Sabe por que? – Perguntou o pastor.

- Porque Ele é Deus? – Replicou Felipe.

- Não apenas, mas porque Ele o ama! Um amor maior do que tudo o que possa imaginar. Um amor que não te força a nada, um amor que não te usa! Um amor que permitiu a Jesus Cristo morrer por você!

O interior de Felipe entrou em conflito. Aquelas palavras estavam incomodando o rapaz... o texto dizia sobre coisas de menino e coisas de homem.

Ele se achava um menino, mas estava entendendo algumas coisas e talvez fosse a hora de virar um homem. Seu coração doeu. Felipe entendeu que eram os demônios que lhe pertenciam que estavam fazendo doer. Na mente veio a imagem de Isabela, e repetidas vezes a frase dita naquela tarde. “Felipe Rangel... estou apaixonada por você”. Ele fechou os olhos por um segundo e curvou a sua face. Na mente apareceram os olhos azuis de Isabela, a face branca, os cabelos vermelhos. Felipe não entendia o porquê disso, mas ele estava apaixonado por ela também.

- Escute Felipe, a Isabela é uma boa moça. – Disse o pastor colocando a mão sobre o ombro do garoto, quase lhe adivinhando os pensamentos.

Felipe se assustou mas não relutou. Seus olhos encheram de lágrimas, pois teria que matar a mulher que acabara de descobrir que amava. Ele estava arrasado.

- Pastor, ore comigo. – Disse ele, sem saber realmente o que estava dizendo.

O Pastor Sanderson abraçou fraternalmente Felipe, sem saber que ele era um satanista infiltrado em sua igreja, e orou abençoadoramente. Em sua oração, entregou a vida do garoto à Deus, pedindo que o Senhor lhe direcionasse no que ele deveria fazer. Felipe não pôde ver, mas no céu os anjos sorriram e Deus levantou-se do trono.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A caçada começa

O final da tarde estava se aproximando e Pereira acionou os policiais para, junto com Robert, ir até o hotel que o assassino estava hospedado. Marcos ficou na delegacia tentando descobrir quem seria a garota que o assassino havia prometido matar ainda naquele dia.

Chegando ao hotel, Pereira desceu correndo da viatura, acompanhado por seu amigo detetive até a portaria.

- Boa tarde. Somos da Polícia e estamos aqui para cumprir um mandato de prisão para um hóspede, chamado Ismael. Qual é o seu quarto?

- Olha, policial. O quarto é o 43, mas ele já foi embora. Pagou as diárias logo após o almoço e disse que tinha que visitar mais três clientes ainda hoje. – Respondeu o porteiro.

Robert e Pereira se entreolharam, entendendo que os três clientes mencionados pelo serial killer eram as próximas três vítimas.

- Podemos ir ao quarto onde ele estava? – Perguntou Robert.

- Claro! Aqui está a chave. – Entregou-a o porteiro. – É subindo as escadas, a direita.

Os dois encaminharam-se ao andar superior e entraram no quarto. Havia folhas de papel sulfite e uma caneta esferográfica azul em cima da mesa. Robert pegou o papel e cheirou.

- É ele mesmo! Este papel é o mesmo do que aquele usado para escrever a carta que me enviou.

Enquanto o detetive examinava o quarto, Pereira trouxe uma outra carta do banheiro.

- Veja isso, estava colado no espelho. Tem o seu nome na frente.

Era uma carta, dobrada em três partes, onde na frente se lia o nome do Robert. O detetive abriu e leu em voz alta:

"Estimado Robert,

Como eu gostaria de matá-lo. Hoje pela manhã, quando estivemos face a face, quase perdi o controle. Eu poderia ter furado seu pescoço com a caneta que estava em minha mão, mas infelizmente não seria o suficiente, pois eu faria sofrer aquela a quem mais amo. Então resolvi matar Suzan, a mulher que de

mim você roubou. Desta forma, silencio minha dor em vê-la com você e inicio a sua dor, em nunca mais tê-la.

Comecei matando várias garotas, das mais variadas maneiras, apenas para chamar a sua atenção e confundir as suas linhas de raciocínio. Meu objetivo? Trazê-lo ao Rio de Janeiro, deixando meu caminho para sua casa totalmente livre. Provavelmente, neste momento em que você está lendo esta carta, estou entrando no seu prédio. Daqui a pouco vou estar dentro do seu apartamento, com minha doce Suzan nos braços.

Caso você ligue para a polícia, vou matar as duas. Caso você saia daí agora e corra até o aeroporto, ainda assim levará mais de duas horas para chegar aqui. Tempo suficiente, não acha? A julgar pelos assassinatos que cometi, tenho uma imaginação muito fértil para fazer algo realmente chocante aqui na sua casa.

Haja visto que você não tem muitas opções, te proponho um jogo: ainda existem duas garotas que vão morrer hoje, aí no Rio de Janeiro. Uma será o "N" e outra será o "A", do meu acróstico. Se você conseguir salvá-las, dou-lhe minha palavra que conservarei Suzan com vida. Caso você deixar que os meus ajudantes matem as garotas, Suzan morrerá também.

É justo trocar a vida da sua esposa pela vida de duas desconhecidas?

Pense nisso.

F.E.R.A."

Robert sentou-se na cama. Pereira não sabia o que falar.

- Precisamos manter a calma nesta hora. – Resignou-se o detetive.

- Ligue pra ela, e a oriente a sair de casa e ir para algum lugar seguro.

- Não, pois ela pode se desesperar. Eu já a alertei para não abrir a porta. Qualquer coisa, Suzan não abrirá a porta e ela mesma ligará para a polícia. Vamos nos concentrar em encontrar a próxima vítima deles, pois minha esposa está segura.

O telefone de Robert toca. É Marcos:

- Olha só, tenho algumas informações que são importantes.

- Pode dizer. – Respondeu o detetive.

- Analisei algumas garotas que encontrei na internet e também envolvidas com algumas pessoas do caso e achei uma Nádia, colega de trabalho da primeira vítima, Sandra. Ambas trabalhavam em um supermercado.

- Sim, eu sei quem é. Ela é uma mulata que trabalhava no caixa ao lado da Sandra. Nós a interrogamos. – Lembrou-se Robert.

- Pois bem, ela recebeu um convite do assassino para ir até uma festa hoje a noite. Coincidentemente encontrei um recado enviado para ela, de uma garota chamada Amanda, dizendo que também foi convidada para esta mesma festa. – Disse Marcos.

- Você tem o endereço da festa? Sim? Ótimo trabalho. Estamos indo aí te pegar. – Disse o detetive, desligando o telefone e olhando para Pereira: - O Marcos encontrou a Nádia e a Amanda, e ambas foram convidadas pelo assassino para uma festa. Acho que eles vão matá-las no mesmo lugar, cheio de pessoas, onde não chamará a atenção de ninguém.

- O que faremos então?

- Vamos buscar o Marcos no DP e depois iremos ao local da festa. Já está começando a anoitecer e precisamos chegar lá antes dos assassinos. Sabemos que o Ismael não vai estar lá, então precisamos estar atentos a tudo, pois certamente restarão os três satanistas. Já sabemos que são dois homens e uma mulher, mas em uma festa é impossível identificá-los. Eles podem ser qualquer pessoa. – Concluiu Robert.

***

Já passavam das dezenove horas e os três amigos estavam de campana, escondidos em frente a uma casa, aberta para a festa que o *serial killer* havia convidado as garotas para participarem. Pereira tomou o cuidado de colocar policiais civis disfarçados circulando dentro da casa, com a foto das moças, para identificá-las e retirá-las de lá. Por maior controle emocional que Robert tivesse, era impossível não estar apreensivo.

- Está preocupado com a Suzan, não é? – Perguntou-lhe Pereira.

- Pra ser sincero, não. Estou preocupado com essas duas garotas. A Suzan eu sei que está bem.

- Como assim? Não lembra da carta? – Preocupou-se Pereira.

- Ei, amigo, acalme-se. Não se esqueça que sempre tenho uma carta na manga. Já tenho todo o caso resolvido e te dou a minha palavra que antes do dia acabar, teremos os assassinos presos. – Sorriu o detetive.

- Olha Rob, eu não faço idéia do que você está tramando, mas como eu já conheço esse seu sorrisinho, vou acreditar.

O rádio de Pereira chama. É um dos policiais disfarçados:

- Zero um, estou com os alvos na minha mira. – Ele estava falando que havia encontrado as duas garotas.

- Certo, zero quarto. Intercepte e traga para fora. – Deu a ordem Pereira, e olhando para os amigos, disse: - acharam as garotas. Mandei traze-las para fora.

- Fez bem. Converse com elas e mande-as de volta para a festa. Diga que estão seguras e vigiadas pela polícia. Vamos usá-las como isca para pegar os satanistas. – Disse Robert. – Eu vou dar uma vasculhada pelo bairro, para ver se encontro alguma pista.

***

Na hora marcada, Felipe pegou o carro do pai de Isabela e a convidou para dar uma volta. Isabela tomou um bom banho, perfumou-se toda e se arrumou com uma linda roupa. Ao descer as escadas para a sala, Felipe estava esperando. "Se ela soubesse que está se arrumando para a sua própria morte, talvez não colocaria esta roupa", pensou ele, com o coração condoído.

Mesmo tendo descoberto que a amava, estava decidido a matá-la. Esta era a sua missão e ele não fracassaria. Não era um fraco... o amor era para os fracos. Dentro de si uma batalha estava sendo travada. Sentimentos opostos, paradoxais. Ao mesmo tempo em que ele queria lhe tirar a vida, queria dar a sua por ela.

- Devo estar ficando louco. – resmungou ele, baixinho.

- O que disse, Fê? – Perguntou Isabela, ao ouvir o resmungo.

- Eu disse que você está linda, Bela. – Desconversou ele.

Ambos entraram no carro e saíram vagarosamente pelas ruas do bairro de classe média, em que moravam. No caminho, Isabela falava sem parar e Felipe apenas respondia com monossílabos. Não tinha mais volta, tudo estava preparado. Em um cruzamento, Felipe parou o carro e duas pessoas entraram no banco traseiro: Estevão e Raquel. Antes mesmo que Isabela pudesse reagir, Estevão colocou uma faca no seu pescoço e disse-lhe para não gritar.

Felipe seguiu então até o casarão, na região central da cidade, onde tudo estava pronto para o ritual. Loc, o demônio estava ansioso a espera do seu sacrifício.

***

Robert andou com um carro pelas ruas da região central, próximo a onde havia a festa. Ele queria ver se encontrava algo suspeito. Em um sinal, abriu no seu colo o mapa da cidade em que ele tinha desenhado os locais dos assassinatos. Contando com a localização da casa em que a festa estava acontecendo, eram cinco pontos geometricamente exatos, que traçados entre si formava uma estrela de cinco pontas, ou como é chamado no satanismo: pentagrama.

- Tudo foi milimétricamente planejado por eles. – Suspirou, triste por não haver conseguido evitar as quatro mortes que aconteceram.

Seguindo com o dedo no mapa, percebeu que exatamente no meio do pentagrama desenhado por ele, era uma região próxima de onde ele estava agora, onde haviam casarões antigos e abandonados.

"Será que tem a ver alguma coisa?", pensou ele. "Como eles gostam de tudo com uma simetria impressionante, não custa dar uma olhada nesta rua, onde tem os casarões", decidiu-se virando o carro no cruzamento em que estava, após o sinal abrir e dirigindo-se para aquele lugar.

***

Felipe, Estevão e Raquel entram no casarão com Isabela como refém. Lá dentro já estava tudo preparado, pois os dois satanistas estiveram antes ali, para os últimos detalhes. Estevão e Raquel taparam a boca de Isabela com uma fita adesiva e tiraram-lhe as roupas, colocando nela uma túnica branca. Felipe ficou em um local retirado, onde também colocou sua túnica, negra, com um pentagrama invertido pintado em vermelho no peito.

Isabela foi colocada sob a mesa rústica que havia no centro da grande sala. As velas foram acessas e o incenso foi queimado. Enquanto Estevão e Raquel trocavam-se, Felipe recitava orações ritualísticas o tempo todo, sem parar. Ele estava em transe. Sua face já não era mais a mesma, de um menino doce e meigo.

Na hora certa, Felipe pega o seu áthame, um punhal com a lâmina ondulada, próprio para rituais de morte. Ele faz a oração ritual e invoca os demônios para estarem ali. Loc se manifesta ao lado da mesa, em uma figura perversa e assustadora. O demônio olha para Felipe e dá um sorriso. Isabela

está em choque, desesperada, em pânico. Ela não consegue se mover, porque está fortemente amarrada à mesa. Não existe defesa para ela.

Antes de desferir o golpe, Felipe olha nos olhos de Isabela, que chora muito, e recita um poema que fez para ela:

- Como eu gostaria que o seu último suspiro fosse em meus ouvidos, e num beijo lento e duvidoso você esfriaria em meus braços. Tirando proveito da sua morte eu me tornaria cada vez mais forte, e este seria o único jeito, pra um amor assim tão suspeito.

Isabela parou de chorar. Não caíram mais lágrimas de seus olhos. Ela simplesmente fechou-os e virou o rosto para o lado, passivamente esperando o golpe que a levaria até a eternidade.

Neste instante Felipe entendeu que Isabela decidiu morrer. Que o pior não era a sua morte, mas sim descobrir que ele era um assassino satanista. Felipe pôde ler nos olhos de Isabela a frase: "prefiro morrer do que te ver como um satanista".

Algo aconteceu no seu coração! Felipe tonteou. Estevão e Raquel se entreolharam e não entenderam nada. As palavras do pastor Sanderson começaram a se repetir na sua mente. Loc, o demônio começou a gritar: "Mate-a agora mesmo! Mate-a!". Felipe levantou a sua mão com o punhal. Seus olhos estavam vidrados e fixos em Isabela.

Seu braço desce rapidamente e corta as cordas que a estavam prendendo. Estevão e Raquel se assustaram! Loc gritou:

- O que você está fazendo?

- Corre Bela!! Corre! – Gritou Felipe, empurrando-a em direção à porta, enquanto Estevão e Raquel tentavam correr atrás dela. Felipe jogou-se na frente dos dois e iniciou-se uma luta franca.

***

Robert estava descendo a rua, vagarosamente para verificar os casarões, quando avistou uma moça vestida de branco, subindo correndo, pedindo socorro. Ele parou o carro e desceu imediatamente. Como era um carro da polícia, Robert pegou uma arma que estava dentro e foi ao encontro de Isabela. Atrás vinham Estevão e Raquel, que foram rendidos por Robert, recebendo voz de prisão.

- O Felipe! Ele está lá dentro! O senhor precisa ajuda-lo! – Gritava ela.

O detetive chamou pelo rádio ao amigo Pereira que chegou em poucos minutos com mais duas viaturas.

- Você – Apontou o detetive para um policial. – Cuide dela. Pereira, vem comigo, porque ficou alguém lá dentro.

Ambos saíram correndo em direção ao casarão, sem saber o que poderiam encontrar pela frente.

Pereira entrou na frente, com sua arma na mão. Robert veio logo atrás, também armado. Seguindo eles, mais uns três policiais vieram para dar reforço. Quando chegaram à sala principal, encontraram Felipe caído no chão, sob uma poça de sangue.

Enquanto Isabela fugia, Felipe lutou com Estevão e Raquel, para evitar que eles a pegassem. Estevão tomou o áthame de Felipe e o esfaqueou várias vezes. Robert abaixou-se ao lado dele. Felipe ainda estava vivo.

- Diga para a Bela... – balbuciou ele. – Diga pra ela que eu aceitei.

Ele gemia muito e fazia muito esforço para respirar.

- Tente não falar. – Instruiu o detetive. – Já chamamos a ambulância.

Mas Felipe esforçava-se em dizer:

- Diga à Bela... que eu aceitei. Diga que o pastor orou comigo... eu aceitei.

- Você aceitou a Jesus como seu Salvador? É isso? – Perguntou Robert.

- Sim... diga à ela que eu agradeço... Eu a amo... – E Felipe espirou.

Não deu tempo para a ambulância chegar. Não se sabe se foram as palavras do demônio Loc, dizendo que alguém iria morrer ali hoje, ou se foram as palavras do Pastor Sanderson, dizendo que valia a pena morrer por amor. Sabe-se apenas que Felipe se entregou por Isabela.

Robert, ao lado do corpo inerte e sem vida do garoto, fechou-lhe as pálpebras e orou ao Senhor, agradecendo por aquela vida, que aceitou a Jesus Cristo no último instante da sua vida.

Ao voltarem para as viaturas, o sargento que estava cuidando dos satanistas presos veio até Pereira dizendo:

- Chefe, o homem é policial.

- Como é? – Perguntou Pereira.

- Sim, olhe aqui a carteira dele. – Disse entregando o documento à Pereira.

- Olha, rapaz! Você estava certo mais uma vez, Robert.

- Sim, e pode apertar eles que você vai descobrir tudo. Veja: Felipe é o “F”. Estevão é o “E”. Raquel é o “R” e Anjo7 é o “A”. Temos a nossa palavra FERA completa. – Disse o detetive concluindo o caso.

- Mas e a Suzan? Ela está sob perigo!! Precisamos ligar para a polícia de São Paulo! – Preocupou-se Pereira.

- Ah! Esqueci de contar. Suzan está bem. E, segundo os meus cálculos, devem estar prendendo o assassino neste exato momento.

- Como é que é?? – Gritou Pereira

- Vamos buscar o Marcos e voltar ao DP. Lá verificamos tudo e eu te conto toda a história.

CAPÍTULO DEZESSETE

São Paulo

O assassino chegou em São Paulo um pouco depois das sete horas da noite. Até chegar ao bairro onde Robert e Suzan moram demorou mais uma hora e meia. Ele estava tranqüilo, porque havia calculado tudo. Estevão iria atrasar as investigações sobre a morte de Nádia. Entre as vinte e vinte uma horas eles iriam ao hotel e encontrariam a carta. Robert ligaria para casa, mas quem atenderia o telefone seria ele, Ismael.

No rádio mais uma manchete sobre o *serial killer*. Ele se deliciava com as manchetes! Era uma sensação de poder, tornar-se uma pessoa intocável. Ninguém podia prever a sua próxima atuação e também ninguém o pegaria.

Ismael entrou no bairro em que Robert mora. Ele estava extremamente frio e tranqüilo. Parou seu carro sedan escuro na frente do prédio. Suzan estava em casa. Lentamente ele foi subindo os degraus, cantarolando uma antiga canção. O perfume adocicado infestou a escadaria e ele chegou em frente a porta do apartamento de Robert. Sem esperar, tocou a campainha.

- Parado, polícia! – gritaram os oficiais do Batalhão de Operações Especiais da polícia de São Paulo, que o estavam esperando, escondidos na escada do andar de cima e dentro do apartamento de Robert. – Ismael, você está preso por assassinatos em série e por tentativa de seqüestro.

***

O celular de Robert toca. Ele e seus amigos estão reunidos na delegacia, no Rio de Janeiro, acompanhando o interrogatório dos recém presos. É Suzan na linha.

- Amor, terminou. A polícia acabou de prender o assassino, aqui na porta de casa.

- Graças a Deus! Essa é uma boa notícia, finalmente. Vocês estão bem? Que bom! Então eu vou contar a novidade para eles aqui. Beijos.

Robert olha para Pereira e Marcos e dispara:

- Acabamos de prender o assassino, lá em São Paulo. Estão trazendo-o para cá.

- Mas como? – Perguntaram unissonamente os dois.

- Vou lhes contar. Quando eu estava voltando para a delegacia, parei um instante no banheiro para orar. Abri a minha Bíblia e deu exatamente neste texto em 2 Coríntios 2:16, que diz: "*Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas?*" Fiquei por um instante pensando no que havia lido, quando o Senhor falou em meu coração, para prestar atenção no cheiro do suspeito, pois a atendente da livraria no centro da cidade disse que ele usava um perfume forte e adocicado. Quando interrogamos o Ismael, eu senti o cheiro e isso confirmou que era ele. Então, antes do almoço eu saí a fim de jejuar, mas aproveitei para dar um pulo no hotel onde ele estava hospedado. Fiquei escondido e o vi saindo, então o segui e ele entrou em um cyber-café. Era a minha chance para vasculhar o quarto. O porteiro que estava na recepção era o mesmo que fazia o turno da noite, e como já estava de saída, pedi que me deixasse examinar o quarto dele, o que prontamente permitiu, sabendo que era uma investigação policial. Ao entrar no quarto, encontrei sob a mesa a carta que ele posteriormente colou no espelho do banheiro. Quando li, lembrei-me dele, como sendo o nosso professor de literatura na faculdade, que havia se declarado perdidamente apaixonado por Suzan. Logo imaginei que ele deveria ter desenvolvido algum distúrbio psiquiátrico e gerado o desejo de vingança sobre a minha vida. Sabendo que ele ainda não havia ido para São Paulo, liguei para Suzan e pedi que fosse para o apartamento de uma vizinha, quatro andares acima do nosso. Liguei também para uns amigos meus da polícia, alertando do que ia acontecer e pedi que eles preparassem a prisão dele. Depois que cheguei novamente na delegacia e vocês me contaram que estiveram falando com ele pela internet, entendi que era na exata hora em que eu estava no hotel. Depois que fomos até o lugar do assassinato e eu vi o nome de Suzan escrito na parede da cozinha, liguei novamente para o meu amigo da polícia de São Paulo para alertá-lo que o assassino havia cometido mais um crime, e que desta vez tinha escrito o nome da minha esposa na parede. Liguei também para Suzan e me contou que a polícia já havia entrado em contato com ela dizendo para ir até a casa da amiga que ficariam alguns agentes dentro do nosso apartamento e outros escondidos na escada do andar superior. Tomei o cuidado de fotografar com o celular o Ismael, enquanto ele dava o depoimento e mandei por e-mail para o comandante da operação em São Paulo. Então, quando nós fomos até o hotel, eu já sabia de tudo. O porteiro não estava mais lá, por isso aquele que nos atendeu não me reconheceu. Eu fiz que não sabia, o tempo todo, porque desconfiava que alguém de dentro do DP estava envolvido e eu não queria que

as minhas suspeitas vazassem. Eu percebi quando o Ismael e o Estevão trocaram olhares aqui no DP, como se já fossem conhecidos. A partir daquela hora, passei a trabalhar sozinho, para evitar que a prisão dele não fosse realizada. Me desculpem, mas foi pelo bem da operação. – Concluiu Robert, a história toda.

- Imagina! – Disse Pereira, feliz por ter encerrado o caso. – Ainda bem que tudo acabou. Das sete vítimas, apenas quatro morreram, infelizmente, e o rapaz também.

- Chefe! – Disse um agente que havia saído da sala do interrogatório. – Eles querem confessar os crimes.

- Muito bem! Vamos lá então. – Exclamou Pereira, mais satisfeito ainda.

Estevão e Raquel estavam algemados, sentados em cadeiras postas de frente à uma mesa de madeira. Entraram Pereira, Robert, Marcos e mais dois agentes. Pereira começou o interrogatório novamente:

- Pois bem, porque vocês matavam as mulheres?

- Éramos pagos para fazer isso. Ismael nos pagava por serviço feito. – Respondeu Estevão.

- Mas qual era o motivo de tirar os órgãos, sangue, esquartejar uma pessoa? Eram rituais satânicos? Vocês são satanistas? – Perguntou novamente o policial.

Robert ficava apenas ouvindo a tudo, sem perguntar nada.

- Não somos satanistas. Apenas fazíamos o trabalho. Ismael tem as suas crendices malucas, mas nós não. – Respondeu Raquel.

- Então porque a palavra FERA escrita nos locais dos crimes? Sabe me explicar isso? – Indagou Pereira.

- Era por causa da Bíblia. Ismael sempre falava que ele era a fera que comia vivo os que estivessem no campo. – Disse Estevão.

- Ezequiel 33:27. – Disse Robert.

- Ã? – Confundiu-se Pereira.

- Ele mencionou o livro de Ezequiel, capítulo trinta e três, verso vinte e sete, onde diz que os que estivessem em lugares desertos cairiam ao fio da espada, os que estivessem nos campos, seriam entregues à fera, para que os comessem, e os que estivem em lugares fortificados morreriam com a pestilência. Ismael se achava um enviado de Deus, para matar as pessoas. Ele é um demente.

- Me diga: como escolhiam as garotas? – Perguntou novamente Pereira.

- Algumas pela internet, outras achávamos na rua mesmo. – Respondeu Estevão.

- Muito bem, então o policial aqui vai colher o depoimento de vocês, que assumem a participação nos crimes, mas não a autoria. Quando Ismael chegar, saberemos dele o que realmente bate com o depoimento de vocês. – Concluiu Pereira, dizendo ao guarda que estava lá: - Pode levá-los.

- Bem, dá-se por encerrado o caso, creio eu. – Disse Marcos, duvidoso.

- Sim, encerramos o caso. – Confirmou Robert. – Vamos para casa descansar. Amanhã teremos ainda um longo dia pela frente. Temos que interrogar o Ismael e dar muitas entrevistas, explicando à população que acabou o pesadelo.

No dia seguinte, Pereira recebe em casa um telefonema, logo pela manhã.

- Chefe, esta madrugada o homem chegou aqui no DP. – Disse o policial.

- Quem, o assassino?

- Sim! Então trancafiamos ele, junto com os outros presos, para que o senhor pudesse interrogá-lo hoje de manhã. Mas na hora em que o carcereiro foi acordar o povo, os três estavam mortos.

- Os três?! Aqueles que foram pegos ontem? – Desesperou-se Pereira.

- Sim, chefe. Exatamente aqueles três. – Confirmou o policial.

- Estou indo imediatamente para aí. – Desligou Pereira e correu acordar os amigos Marcos e Robert, que estavam hospedados em sua casa.

- Robert, mataram os três assassinos hoje a noite, na cadeia. – Disse ele.

- Caramba... e agora? – Perguntou Marcos, assustado.

- Será que é alguém que mandou matar? Ou os criminosos mesmo fizeram justiça com as próprias mãos? – Perguntou Pereira.

- Não sei... mas acho que é ordem de cima. – Disse o detetive, enquanto se arrumava para sair também.

Ao chegarem no DP, um amontoado de jornalistas e repórteres já estavam na porta, esperando que Pereira e Robert chegassem. Pereira entrou para resolver o problema, e Robert ficou para poder dar algumas entrevistas e alertar o povo.

- Senhor Robert, o que o senhor tem a dizer sobre o caso, levando em conta que o senhor é um experiente e famoso detetive? – Perguntou uma repórter.

- Ontem a noite a polícia civil do Rio de Janeiro, comandada pelo agente especial Pereira, em uma ação conjunta com a polícia militar, prenderam todos os assassinos. – Respondeu ele.

- É verdade que o líder deles foi preso em São Paulo? O senhor confirma esta versão? – Perguntou outro repórter.

- Sim, é verdade. Mas já foi trazido até aqui, no Rio de Janeiro.

- Há rumores de que eles foram assassinados durante esta madrugada, pelos próprios presos. Isso é verdade?

- Olha, como vocês viram, eu acabei de chegar aqui e não tenho nenhuma informação oficial. Rumores são rumores. Com certeza, quaisquer informações oficiais que a polícia tiver, virá dos seus órgãos de comunicação. Obrigado a todos! – Disse ele finalizando.

- Senhor Robert! O que o senhor tem a dizer sobre o caso? Foi o mais difícil da sua carreira? – Insistia a repórter.

- A única coisa que eu digo nesta hora, é que os senhores devem noticiar em seus veículos de comunicação, que a população está livre desses marginais. E que eles precisam se apegar mais a Deus, pois caso contrário, sempre teremos crimes hediondos e terríveis como estes que vimos nestes dias. – Concluiu e entrou pela porta do DP, que estava protegida por policiais.

Dentro do departamento, Pereira encontra-se com o amigo e confirma, os assassinos foram mortos mas nenhum preso confessa quem foi.

- É a lei da cadeia, amigo. Caiu aqui, eles mandam. – Disse Pereira.

- Realmente é uma pena. Mas por outro lado, caso eles fossem a julgamento, pelas leis brasileiras, pegariam penas leves, cumpririam apenas metade, por bom comportamento e, em menos de dez anos estariam nas ruas novamente. – Preveu Robert.

- É verdade. Acho que no caso deles, a fera é que foi devorada. Vamos para casa tirar o dia de folga. Acho que merecemos.

- Concordo plenamente. Preciso ir para a minha casa. Acho que ajudei no que pude. – Disse Robert.

- Pode deixar, te levo para a minha casa e depois para o aeroporto. Você precisa ver a Suzan. E desculpe ter te colocado nessa, ok? – Disse isso enquanto saíam por uma porta secundária da delegacia.

- Que é isso? Amigos são para isso mesmo, e sabe que pode sempre contar comigo, ok? – Completou o detetive, quando um garoto veio na direção dele.

- Senhor Robert? – Perguntou o menino.

- Sim, sou eu.

- Este bilhete é para o senhor. – Entregou o garoto um envelope à ele.

- E quem foi que enviou? – Perguntou Robert, desconfiado.

- Aquele homem dentro do carro escuro. – Apontou o menino para um carro sedan escuro, que saía no meio da avenida, virando a esquina e desaparecendo dos olhos de Robert. O detetive abriu. Dentro continha uma nota de dinheiro e um bilhete, que ele leu em alta voz:

"Estimado Robert, sei que não é muito usual um psicopata como eu mandar uma segunda carta ao seu perseguidor, mas como você ainda não conseguiu me capturar, pensei em ajudar. Esta nota é a esmola que você deu a mim, no centro da cidade. Você esteve tão perto de mim... chegou a olhar nos meus olhos. Lembra dos moradores de rua? Pois bem, eu era aquele mendigo que te deu as informações sobre quatro pessoas, fui o porteiro do hotel que te deixou entrar no quarto do Ismael e também eu era um dos repórteres na sua coletiva de imprensa. Robert, estive ao seu lado o tempo todo, vendo, ouvindo, sentindo tudo. O objetivo do Ismael, aquele fraco, era sua esposa Suzan, mas o meu objetivo é você! E por uma causa muito mais nobre. Agora sei como você pensa, sei como age. Você é uma presa fácil para mim. Conseguiu pegar realmente aqueles três, o Estevão, Raquel e o Anjo7, ou Ismael, como você o conheceu. Mas estes três imbecis eu já eliminei, para não me dar problemas. O próximo da minha lista é você. Em breve terás notícias. F".

F I M